



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)  
FACULDADE DE LETRAS (FL)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS LINGUÍSTICA  
ÁREA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS (PPGLL)  
GIRA LEODEGÁRIA DE JESUS**

**MARIA DAS NEVES JARDIM DE DEUS**

**MOVIMENTOS DE MULHERES NEGRAS NO CERRADO GOIANO:  
ESCREVIVÊNCIAS INSURGENTES COM MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA**

**GOIÂNIA**

**2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE LETRAS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

MARIA DAS NEVES JARDIM DE DEUS

#### 3. Título do trabalho

Movimentos de mulheres negras no cerrado goiano: escrevivências insurgentes com Marta Cezária de Oliveira.

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Tânia Ferreira Rezende, Professora do Magistério Superior**, em 31/03/2023, às 18:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Maria Das Neves Jardim De Deus, Discente**, em 17/04/2023, às 09:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3639365** e o código CRC **BFADFAAD**.

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA  
ÁREA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**MARIA DAS NEVES JARDIM DE DEUS**

**MOVIMENTOS DE MULHERES NEGRAS NO CERRADO GOIANO:  
ESCREVIVÊNCIAS INSURGENTES COM MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás, na Área de Concentração de Estudos Linguísticos, na Linha LP 5 de Pesquisa Linguagem, Sociedade e Cultura, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Tânia Ferreira Rezende, co-orientação mestre do notório saber Marta Cezária de Oliveira, como exigência à obtenção do título de mestra em Letras e Linguística.

**GOIÂNIA**

**2022**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Deus, Maria das Neves Jardim de  
MOVIMENTOS DE MULHERES NEGRAS NO CERRADO  
GOIANO [manuscrito] : ESCRIVÊNCIAS INSURGENTES COM  
MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA / Maria das Neves Jardim de Deus.

65 f.

Orientador: Profa. Dra. Tânia Ferreira Resende; co-orientadora  
Marta Cezária de Oliveira.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e  
Linguística, Goiânia, .

Bibliografia.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Marta Cezaria de Oliveira. 2. Cerrado Goiano. 3. Sociolinguística  
ladina - alterativista. 4. Movimento de mulheres negras. 5.  
Escrivências. I. Resende, Tânia Ferreira, orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº **33** da sessão de defesa de dissertação de **MARIA DAS NEVES JARDIM DE DEUS** que confere o título de **Mestra** em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos

Aos **nove** dias do mês de **novembro** do ano de **dois mil e vinte e dois**, a partir das **quatorze** horas, via Google Meet, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação intitulada "MOVIMENTOS DE MULHERES NEGRAS NO CERRADO GOIANO: ESCREVIVÊNCIAS INSURGENTES COM MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA ". Os trabalhos foram instalados pela orientadora, **Profa. Dra. Tânia Ferreira Rezende** (Presidenta/PPGLL/FL/UFG), com a participação das demais membras da banca examinadora: **Profa. Dra. Mariana Fernandes Dos Santos** (PROFEPT/IFBA) e **Profa. Dra. Marcilene Pelegrine Gomes** (FL/UFG), membras titulares externas, e Marta Cezária de Oliveira, Presidenta de honra por seu notório saber. Durante a arguição, os membros da banca **não** fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A banca examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da dissertação tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela **Profa. Dra. Tânia Ferreira Rezende**, presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos membros da banca examinadora, aos **nove** dias do mês de **novembro** do ano de **dois mil e vinte e dois**.

### TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Tânia Ferreira Rezende, Professor do Magistério Superior**, em 09/11/2022, às 16:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) .



Documento assinado eletronicamente por **MARIANA FERNANDES DOS SANTOS, Usuário Externo**, em 10/11/2022, às 11:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) .



Documento assinado eletronicamente por **Marcilene Pelegrine Gomes, Professor do Magistério Superior**, em 15/01/2023, às 17:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) .



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3307969** e o código CRC **2672A529**.



## AGRADECIMENTOS

**Ao movimento de mulheres negras em Goiás. Aos Coletivos...**

**Pretas de Angola, Rede Goiana de Mulheres Negras, Fórum de Religiões de Matriz Africana do Estado de Goiás, Rede Latino-americana Feminismos de Terreiro, Magnifica Mundi, Favela em Pauta, Mães de Maio no Cerrado, Coletivo Gira Leodegária, Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado, Grupo de Capoeira Angola Calunga, ao Núcleo de Estudos de Relações de Gênero, Raciais e Afro-descendências do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Programa de Estudo Africanos e Afro Brasileiro Puc Goiás (PROAFRO), Obiah - UFG, Coletivo de Negros e negras da Puc-Goiás e Cajueiro.**

Meus agradecimentos a orientadora incansável **Tânia Ferreira Resende**, sem ela não seria possível.

**Marta Cezária de Oliveira** por aceitar o desafio dessa narrativa a quatro mãos e dois corações.

**Anadir Cezária de Oliveira** Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado.

**Janira Sodré Miranda** por acompanhar nas andanças ao Paraíso do Rio Claro- Montes Claro, onde Marta estava reclusa durante a pandemia.

**Ludmila Pereira de Almeida** pelo companheirismo e cuidado.

Minha mãe **Benedita de Souza Tolentino** que me ajudou na escrita falando explicando sobre o quibano. Amor eterno.

Meu pai **Neuton Tolentino de Deus** pelo seu grande amor pelos livros. Em vida tive a oportunidade de alfabetiza-lo.

Irmãs pelas suas existências em minha vida:

**Nubia de Souza Tolentino**

**Gisele de Souza Tolentino** (em memória)

**Elda de Souza Tolentino**

**Elivani de Souza Tolentino**

**Santana de Souza Tolentino**

**Elda de Souza Tolentino**

**Evelyn Jardim de Souza**

Tias e mães de criação.

**Luiza Jardim dos Santos** me conduziu desde criança até idade adulta. (Em memória).

**Maria Zilza Tolentino de Deus** apoiadora, inspiradora e combativa em me aconselhar.

E a bolsa social financiada pela **CAPES**.

## MOVIMENTOS DE MULHERES NEGRAS NO CERRADO GOIANO: ESCREVIVÊNCIAS INSURGENTES COM MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA

### RESUMO

As mulheres negras têm protagonizado movimentações plurais, diversas e de impacto, ampliando pautas e incidências dos movimentos negros e feministas no Brasil e em Goiás. Marta Cezaria de Oliveira é uma das protagonistas fundadoras das primeiras ONGs dedicadas à luta que intersecciona gênero e raça em Goiás. O objetivo desta dissertação é narrar a trajetória do movimento de mulheres negras no Cerrado goiano, a partir das *escrevivências* insurgentes de/com Marta Cezaria de Oliveira. A narrativa se desenvolve em torno de articulações insurgentes nos passos-vivências de Marta Cezária, os quais produzem vida nesse *Ser-tão* goiano. *Escrevivências, a escrita de nós*, de acordo com Conceição Evaristo, é a insurgência de mulheres negras contra a histórica negação política da escrita. Nesta dissertação, a *escrevivência* possibilita a insurgência do ser mulher negra no chão cerradoeiro. Seguindo *trietros* e giras, em primeira pessoa do plural, com o corpo/voz de Marta Cezaria, ecoamos as plurais vozes de nossas ancestrais, que compõem as redes conectadas entre saberes, na diáspora de Améfrica Ladina, na perspectiva cerradoeira. Esta dissertação semiotiza a vida de Marta Cezaria, com suas memórias ancestrais vivas, vivificadas em suas narrativas, sem a preocupação com as periodizações estanques que fragmentam e estaticizam a vida. Consideramos que as mulheres negras estão politicamente presentes na luta antirracista e feminista em Goiás. Para promover nossas *escrevivências*, evocamos as afroeducatividades forjadas nos movimentos negros, abordadas por Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro e Joice Beth evidenciando o protagonismo, saberes, dizeres e fazeres apagados pela historiografia hegemônica do Brasil. Esta dissertação está vinculada à Sociolinguística, numa perspectiva *ladina alterativista*, que aborda a linguagem em modos de significação de mundo, em plurais epistemes e epistemologias, inscritos e circunscritos no *Pretuguês*, como herança ladina amefricana à população negra brasileira.

**Palavras-Chave:** Marta Cezaria de Oliveira. Cerrado Goiano. Sociolinguística ladina alterativista. Movimento de mulheres negras. *Escrevivências*.

## **MOVEMENTS OF BLACK WOMEN IN THE CERRADO GOIANO: INSURGENT WRITINGS WITH MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA**

### **ABSTRACT**

Black women have been the protagonists of plural, diverse and impactful movements, expanding the agendas and incidences of black and feminist movements in Brazil and Goiás. Marta Cezaria de Oliveira is one of the founding protagonists of the first NGOs dedicated to the struggle that intersects gender and race in Goiás. The objective of this dissertation is to narrate the trajectory of the black women's movement in the Cerrado of Goiás, based on the insurgent writings of/with Marta Cezaria de Oliveira. The narrative develops around insurgent articulations in the steps-experiences of Marta Cezária, which produce life in this Sertão of Goiás. *Escrevivências*, the writing of us, according to Conceição Evaristo, is the insurgency of black women against the historical political denial of writing. In this dissertation, writing enables the insurgency of being a black woman on the ground. Following *trierios* and *giras*, in the first person plural, with the body/voice of Marta Cezaria, we echo the plural voices of our ancestors, which compose the networks connected between knowledge, in the diaspora of América Ladina, in the close perspective. This dissertation semioticizes the life of Marta Cezaria, with her ancestral memories alive, vivified in her narratives, without worrying about the stagnant periodizations that fragment and staticize life. We consider that black women are politically present in the anti-racist and feminist struggle in Goiás. To promote our writings, we evoke the Afro-educational activities forged in the black movements, approached by Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro and Joice Beth, highlighting the protagonism, knowledge, sayings and doings erased by the hegemonic historiography of Brazil. This dissertation is linked to Sociolinguistics, in a Ladino alterativist perspective, which addresses language in ways of meaning the world, in plural epistemes and epistemologies, inscribed and circumscribed in Pretuguês, as a Ladino Amefrican heritage to the black Brazilian population.

**KEYWORDS:** Marta Cezaria de Oliveira. Cerrado Goiano. Alterivist ladina sociolinguistics. Black women's movement. *Escrevivências*.

**LISTA DE IMAGENS (FIGURAS E FOTOS)**

Figura 1: Celeiro cerradeiro da Vida

Figura 2: Cerradeira que cura.

Figura 3: A árvore- vida cerradeira.

## SUMÁRIO

<b>1. GIRANDO NO SER-TÃO CERRADO COM LEODEGÁRIA DE JESUS E MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 Árvore da Vida do Ser-tão .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 Girando a Caminho das Matrinarrativas Sertanejas .....</b>	<b>29</b>
<b>1.3. A Gira Nacional de Mulheres Negras. ....</b>	<b>33</b>
<b>2. A QUATRO MÃOS E DOIS CORAÇÕES: ESCRIVENDO COM MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA .....</b>	<b>39</b>
<b>3. NOS TEMPOS DE ÍYA MARTA .....</b>	<b>49</b>
<b>3.1 Gira do Quibano de Marta: Dandaras em Movimentos.....</b>	<b>53</b>
<b>4. A RODA CONTINUA GIRANDO NO SERTÃO DE MARTA.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>

## **GIRANDO NO *SER-TÃO CERRADO* COM LEODEGÁRIA DE JESUS E MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA**

Meu desejo ao começar esta escrita era reverenciar as minhas ancestrais, todas as que vieram antes de mim, desde a primeira que chegou a Goiás, anterior a 1988. Com o tempo, vi que seria impossível, considerando meu ritmo e minhas condições de estudo e de trabalho acadêmico, o formato e as finalidades desta dissertação. Por isso, decidi por me concentrar no movimento das mulheres negras, no Cerrado goiano, caminhando nesta escrita com os passos de algumas das nossas que vieram antes, insurgindo no traçado das lutas de resistência, para além do tempo linear que fragmenta a vida em cortes e recortes temporais, na busca da retomada da temporalidade espiralar.

Em 2018, um ano de muitas angústias, lutas e decepções, depois de várias conversas, desejos e necessidades em busca de visibilidade para nossas ancestrais cerradeiras, surgiu a *Gira Leodegária de Jesus*, uma gira de mulheres negras e indígenas com vistas ao acolhimento e sustentação epistêmica e epistemológica na academia. Uma gira de acolhimento e fortalecimento subjetivo, nascido no âmbito da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás e voltado para mulheres negras e indígenas da universidade e da comunidade externa. Naquela ocasião, Tânia Rezende apresentou para nós o termo *Gira*, o que me provocou várias indagações por sua potência e por me colocar no meio das minhas próprias rodas.

Desde então, fui girando como uma foliã nos festejos, fui percebendo que minha vida tinha e tem sido de imersão nas rodas do sertão cerradeiro, terra de Leodegária Brasília de Jesus. Mulher negra, nascida em 1889, em Caldas Novas, que publicou em 1906, aos 16 anos de idade, o primeiro livro de poemas de autoria feminina em Goiás, *Corôa de lyrios*. Em 1928, quando publicou seu segundo livro, *Orchideas*, seu feito de 1906 ainda era inédito. Assim, Leodegária foi a autora do 1º e 2º livros de poemas publicados por uma mulher, uma mulher NEGRA, em Goiás.

Além de poetisa, Leodegária foi jornalista, uma das fundadoras do jornal a *Rosa*, na cidade de Goiás, então capital do estado, foi professora e também fundou escolas. Poderia ter sido a primeira mulher advogada, se não tivesse sido negado a ela esse direito em razão de ser ela uma MULHER NEGRA. Então, começo esta *gira*, elegendo como puxadora das nossas *rodas cerradeiras*, Leodegária de Jesus, e venho *girando* até chegar em Marta Cezaria de Oliveira, que veio até aqui, que está aqui e segue adiante, porque o tempo é espiralar, é mais que os períodos inventados pelos historiadores para sustentar suas próprias invenções.

Sou *Maria das Neves Jardim de Deus*, bisneta da professora e rezadeira Joana Cezar Nogueira (1904) e de Andreza Tolentino de Deus, neta das parteiras e rezadeiras Amália Tolentino de Deus e de Ana Jardim. Sou trancista e cabeleireira, especialista em cabelos afros, graduada em Letras, militante do movimento de mulheres negras em Goiás, integrante da Rede Goiana de Mulheres Negras, Grupo de Mulheres Negras Dandaras no Cerrado, Gira Leodegária de Jesus e Pretas de Angola.

Nasci no sertão, no bioma Cerrado, município de Conceição do Tocantins, antiga Contagem de Conceição, localidade assim batizada no ano de 1812 em honra da devoção católica à concepção de Maria. O nome da cidade, então, foi dado em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, onde a primeira construção ordenada pelo colonizador invasor Manoel Paes Andrade foi a igreja de pedra, que teve sua construção iniciada em 1741 e concluída em 1974. Construída por mãos negras escravizadas, hoje a igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição é símbolo turístico e de memória religiosa da cidade, que preserva sua construção original toda arquitetada em pedras.

Conceição é território negro, onde os Quilombos Matão e Água Branca são resistências seculares, demarcando até o presente as insurgências negras contracoloniais. No campo da religiosidade, há os movimentos das congadas nas ruas de Conceição, como permanências da africanização que a comunidade negra impôs ao catolicismo naquele sertão. As folias do Divino Pai Eterno e Folia de Reis conservam vivências religiosas plurais, transculturais representativas dos diversos grupos que dão feições à cultura local.

Vivi aí até os 06 anos de idade, em residência permanente, no município de Conceição, na região dos quilombos Matão e Água Branca. Depois disso, passei a residir em outra parte, onde fui criada, na região do quilombo do Lageado, município de Dianópolis, também no atual estado do Tocantins, no antigo São José do Duro, quando ainda fazia parte de Goiás. As férias anuais da escola eram o momento de retorno à Conceição.

As duas cidades onde fui criada, Conceição e Dianópolis, foram fundadas sob a dominação colonizadora portuguesa nos territórios indígenas Acroás e Xacriabás, em meados do século XVIII, na então denominada Mina dos Tapuia, em referência às minas de ouro da região. Por volta de 1741, esses territórios foram invadidos pelo português Manuel Paes Andrade, vindo da capital Vila Boa de Goiás.

A então São José do Duro, atual Dianópolis, era freguesia e depois distrito de Nossa Senhora da Conceição (Conceição), do qual foi desmembrado em 1750, para a formação pelos jesuítas de dois aldeamentos: 1. Missão do Duro (de D'ouro), próximo ao Ribeirão Formigas, erguido em 1751, para a redução dos Xacriabás; e 2. São José do Duro ou Aldeamento

Formigas, em 1755, para a redução dos Acroás. Esses aldeamentos, liderados pelos jesuítas, organizados em torno das práticas de invasão de territórios indígenas e a exploração das minas de ouro, foram as principais responsáveis pelo grande massacre e extinção dos povos originários da região. O poder dos colonizadores civis, nesse contexto de dominação da região do Duro, juntou-se à catequese liderada pelos religiosos, para dar consecução ao projeto colonial para a região: exploração da mão-de-obra indígena e negra; prospecção aurífera do ouro de aluvião; o pagamento do quinto à coroa; a catequização indígena e negra; a expansão do império português.

A exploração predatória, imposta pela ambição colonial na cobiça ao ouro, impactou destrutivamente a região, muito rica naquele metal precioso. Não só a população indígena foi fortemente afetada, mas também o próprio Cerrado, pois foram abertos vários garimpos e, com isso, a degradação desse bioma foi imensa e rápida. Por volta de 1854, o povoado já havia se transformado no Arraial São José do Ouro, em referência ao metal explorado no lugar, que por simplificação se transformou em “D’ouro”, “D.uro”, “Duro”, por fim, São José do Duro. A cidade ainda é marcada pelas heranças do colonialismo escravagista e do coronelismo, apesar de sua renomeação para Dianópolis. Essa nomeação, nos anos 1930, é uma homenagem às *Custodianas*, as senhoras do lugar, denominadas de *Dianas*. Em resumo, Dianópolis é a Terra das Dianas, que são as Custodianas, as senhoras do lugar.

Em 1918, em São José do Duro, atual cidade de Dianópolis-TO, aconteceu o tempo do “*Barulho*”, como relatava meu avô, também conhecida como *Chacina dos Nove*. Naquele ano ocorreu um enfrentamento devido às novas medidas de estado criadas para combater o coronelismo. O paradoxo é que naquele contexto político o coronelismo era a prática dos que ocupavam os postos e cargos de poder do próprio estado. Tudo começou com a controvérsia em torno do direito de sucessão à herança no inventário de Vicente Belém. Havia a acusação de irregularidades praticadas por membro da família do coronel Joaquim Aires. E havia ordem judicial emanada da comarca da Vila Boa, capital do estado, para busca e apreensão de documentos na residência do Coronel Aires, que resistia à justiça, se recusando à entrega dos papéis. Diante do insucesso da primeira empreitada de busca dos documentos na Fazenda Buracão, o juiz ordenou, em um novo mandado, a prisão de membros da família Wolney. Antônio Caboclo e Joaquim Aires, o pai de Abílio Wolney, resistiram à prisão, segundo os soldados. Abílio Wolney, por sua vez, contratou mais de 200 jagunços para atacar São José do Duro. A guerra estava instaurada e durou até 1919.

O evento que ficou conhecido como o *massacre do Duro*<sup>1</sup> ocorreu nos antigos troncos usados durante o período colonial escravagista como arma de suplício, tortura e morte de

escravizados negros. Ali foram mortos todos os membros da família que estavam presos. Nessa ação, foi atribuído ao proprietário branco e a sua família a humilhação do tronco de tortura aos escravizados do período colonial. Foi, de certo modo, uma atuação contracolonial em seus efeitos, na colonialidade do poder, durante o coronelismo.

Curiosamente, na história e na literatura, só é relatada a chacina da família Ayres, mas, se houve a revanche do coronel Wolney, podemos evidenciar o silêncio da literatura e da história em torno das vítimas da família Wolney. Assim como já citado, em relação ao esquecimento do genocídio dos indígenas Acroás, que ocupavam toda a região invadida, o massacre dos nove não foi esquecido até os dias de hoje, pois no local do enterro foi construída uma capela e em volta uma praça. Esse é um dos principais pontos turísticos da cidade, a Praça da Capelinha ou Praça dos Nove, onde está escrito em lápide o nome de todos os mortos enterrados ali.

O coronel Abílio continuou o seu poder até sua morte, aos 85 anos de idade. Ainda hoje, a memória dos Wolney é mantida e sua herança imaterial continua viva, em nomes de prédios e instituições públicas. Tal é o nome da Escola Estadual Abílio Wolney, onde estudei os primeiros anos escolares. Do mesmo modo, seguem a praça, ruas e outros pontos importantes da cidade, com seu nome. A colonialidade do poder-saber-ser, manutenção dos efeitos do colonialismo escravagista, também contribui para essa permanência. Em 1956, o escritor goiano, membro da Academia Brasileira de Letras, Bernardo Élis, imortalizou o massacre do Duro na obra literária *O Tronco* que foi adaptada para o cinema, em 1999.

Então, foi nesse cenário, em meio a essas memórias, que nasci e cresci. Da cidade, não tenho tantas lembranças boas, mas do sertão quilombola de Conceição eu me lembro, pois ali, tomava banho de córrego, sempre à tardinha, quando saía com meu cachorro, correndo a catar as frutas da estação: caju, cagaita, murici, oiti, buriti, bacupari, coco piaçava, coco macaúba. Poderia passar horas falando das riquezas e belezuras do paladar que degustava, dos cheiros que sentia, dos capões que percorria, da exuberância e riqueza. Nesse tempo-lugar, as mulheres negras cerradeiras potencializavam e potencializam os nossos caminhos e trajetórias.

Desde a minha mãe, uma multipotência, que além de todos os afazeres e conhecimentos, produzia e ainda produz sabão do timbó, o azeite de mamona e também tapitis, quibanos ou peneiras. Estes são feitos da buritirana, também chamada de pé de buriti, palmeira de buriti, que produz a fruta ‘buriti’, cujo nome científico é *mauritia flexuosa*, palmeira gigante domesticada pelos povos da América do Sul. Minhas avós, Ana Jardim e Amália Tolentino, ambas parteiras ou mães de pegação, rezadeiras e benzedadeiras, foram e são mulheres que me nutriram desde então, possibilitando o entendimento, o conhecimento e o empoderamento do

corpo-a-corpo, o empoderamento de letramento dos símbolos do alfabeto, mas também o letramento para além da escrita, como as rodas de lua cheia onde ela contava diversas histórias de encantamento.

Eu me pareço fisicamente com minha avó Amália, todos amigos e familiares dizem. Ela era uma mulher à frente do seu tempo, sabia ler e escrever, era letrada como diziam antigamente, era uma excelente voz do soprano, com isso se tornou rezadeira, pois sua voz sobressaía sempre nos terços que ela puxava. Tinha arte da costura, lembro quando ela fazia meus vestidos ou shorts, tudo era feito à mão, mas a costura parecia feita em máquina de costurar, de tão regular e precisa que era. Fazia colchas de retalhos, além de ser a parteira da região. Minha avó era uma Iyá elegante, uma postura calma de voz mansa que ainda tinha tempo, em datas comemorativas, para me explicar o significado de cada data como no natal, por exemplo, ela tinha todo um ritual de não dormir em colchões na noite de menino Deus, dia 24 dezembro.

Tudo isso acontecia quando eu ia de férias. Sempre estava perto dela para que ela me ensinasse muitas coisas. Às vezes eu pedia, outras vezes, nem precisava pedir. Era só observar seus passos, gestos e carinhos. Nesses momentos, minha ancestralidade viva de vovó me projetava para o agora na mais grandiosa oralitura (MARTINS, 2001), de um empoderamento cotidiano muito poderoso. Quando a vovó morreu eu fiquei anos olhando para a estrada, esperando que ela fosse chegar pra conversar comigo. Pois os adultos nunca conversavam com as crianças, mas ela sabia escutar, ensinar, ela me respeitava, acreditava nos meus estudos e descrevia meu futuro.

Minha avó paterna se chamava Ana Jardim (1935), com ela convivi menos tempo, mas quando me encontrava tinha suas palavras para mim. Recordo da sua fama na região. Como parteira, por exemplo, era muito difícil encontrar alguém que não a conhecesse e a chamasse de mãe Ana ou comadre Ana, pois as crianças que ela não pegava (fazia o parto da criança) ela batizava. Ela também contribuiu como rezadeira de terços e benzedeira em toda a região do município de Conceição. Excelente cozinheira, uma mulher festiva, da dança, dos movimentos diversos.

Entre as De Jesus, as Jardins e as Cezária, arte-vida-corpo em movimento das mulheres negras sertanejas, como Leodegária de Jesus, minhas avós e Marta Cezaria, se entrelaçam nas raízes das árvores-vidas cerradeiras, pois ambas funcionam e se organizam como pilares das estruturas das comunidades. As mulheres se encontram em coletividades, em irmandades, administram famílias, sustentam suas vidas e as árvores são também os meios de subsistência.

## A árvore da vida do Ser-tão



Fig. 1: Celeiro cerradeiro da Vida. Fonte: Arquivo pessoal da autora, foto tirada de quibanos a partir do trabalho de artesanato da Associação Quilombola Urbana João Borges Vieira da cidade de Uruaçu.

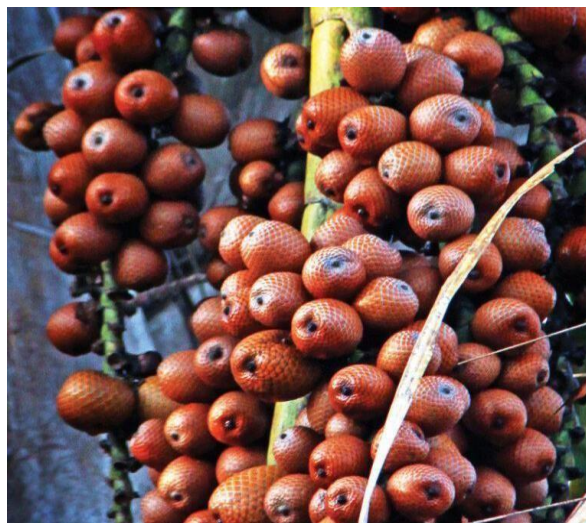


Fig. 2: Cerradeira que cura. Fonte: Acervo: museu do Cerrado. Foto: Marcelo Kuhlmann - Fruta Buriti



Fig. 3: A árvore da vida cerradeira. Fonte: Acervo: Museu do Cerrado. Foto: Marcelo Kuhlmann

A buritirana, nome pelo qual a fruta da árvore apresentada na Fig. 3 é chamada na região onde nasci e cresci, é também conhecida como palmeira, uma planta originária da América do Sul, no Brasil, presente em quase todos os estados brasileiros, incluindo a região sudeste Tocantins, onde está situado o município de Conceição do Tocantins.

(...) Palmeira predominantemente tropical do gênero *Mauritia*, da família *Arecaceae*, por se apresentar amplamente distribuída no Brasil e, devido a isso, representar importante potencial econômico em diferentes regiões do país. Essa palmeira é conhecida popularmente como miriti, buriti, buriti-do-brejo, moriti, moriti-do-brejo e muritizeiro, no Brasil (...). (CATTANI, BARUQUE-RAMOS, 2014, p. 7)

A buritirana tem servido como subsistência ancestral tanto para os povos originários quanto para as comunidades quilombolas, ribeirinhos e muitas outras comunidades das águas, dos campos, das florestas, enfim as coletividades ancestrais têm resistido nessa cultura secular de cultivo da palmeira para atividades manuais, principalmente para o fabrico de utensílios, dentre das inúmeras formas de sustentação, criações, um modo de viver e sentir. Também chamada como palmeira do Cerrado, árvore de vida, ela é existente na maioria das vezes em veredas mais úmidas ou brejos, nascentes de rios ou córregos. Existe uma comunhão maravilhosa entre a água e a palmeira como em todo o ciclo, pois uma não vive sem a outra, as

palmeiras ajudam a preservar as águas das veredas, ao mesmo tempo em que é preservada pelas águas.

O plantio acontece com as correntezas das águas quando a fruta do buritizeiro ou palmeira cai e vai sendo carregada junto às cascas que despregam da planta, por isso, na maioria dos lugares existem várias outras plantas da mesma espécie, umas próximas às outras. Outras formas de disseminação das sementes são feitas pelas araras, por exemplo, e outros animais polinizadores, como as cutias que vão transportando o buriti. Elas sempre nascem em lugares mais frescos com bastante água.

A palmeira também é conhecida como árvore da vida sustenta-se como um elemento dorsal nas sociedades brasileiras e outras partes da Américas, sendo utilizada cotidianamente. Em cada região tem algumas utilidades e manejos diferentes. Precisamos atentarmo-nos para a importância ancestral cotidiana do bem viver. Foi nessa prática ancestral em que fui criada, onde nossas feitura diárias eram a partir da buritirana, como é chamado por nós o pé de buriti. Não apenas a planta, mas também o lugar onde se concentravam as árvores tem o mesmo nome.

Esse lugar era a nascente de um córrego chamado Rapadura, que nascia nas proximidades de minha casa na fazenda Malhadinha Município de Conceição-TO, onde buscávamos água para beber, cozinhar e lavar vasilhas. Ali lavávamos e quarávamos as roupas. Tudo isso sob o olhar das palmeiras, onde ficava uma das fontes da fazenda, responsável pelo abastecimento de água de toda a casa onde morávamos. A buritirana era a árvore que nos provia, pois dela eram retiradas as talas para fazer o quibano, peneira e tapiti ou tipiti; era retirada a parte externa do caule da folha do buriti. Mas objeto feito daquelas talas que mais era usado, em diferentes funções era o quibano, que ainda o é feito pela minha mãe.

Todo esse trabalho de trançar em talas para produzir os utensílios era feito por minha mãe Benedita de Souza Tolentino. Desde a extração das fibras, todo o preparo das talas para a utilização nos trançados e finalização dos objetos. Outros produtos eram feitos dos aproveitamentos da parte maciça que chamamos de buriti, eram feitas rolhas para tapar garrafas de vidros, das palhas secas do buriti eram feitas as vassouras para varrer o chão. Porém, o feito mais especial desses itens de buriti é o quibano e a peneira, feito de forma circular com a junção das talas de buriti com o arco de taboca e costurado com barbante encerado, usualmente utilizado para soprar o arroz quando retirado do pilão. Uma vez que esse arroz esteja limpo e sem casca é chegada a hora de peneirar o arroz para catar e tirar todos as impurezas que ainda resistissem. A peneira da feitura é muito parecida com o quibano, mas ela tem um trançado mais vazado, permitindo peneirar e separar os alimentos, como as farinhas, para ficarem mais

finas no processo de produção. O quibano e a peneira sempre estiveram servindo para a dinâmica do nosso cotidiano.

O quibano é um utensílio usado por diversas comunidades e inclusive na minha comunidade era muito presente feito da tala do buriti e da taboca. Feito no trançado à mão em forma de círculo, depois de modelado do tamanho desejado e colocado o arco de taboca e feito o acabamento com barbante encerado que é costurado para segurar o arco. Curiosamente quase tudo produzido a partir da palmeira estava relacionado ao alimento ou bem comum de todos, como já foi dito para soprar o arroz pilado (socado no pilão), para cortar verduras, pata tampar a água armazenada, por exemplo. A árvore da vida se entrelaça com a vida das mulheres negras como minha mão que sempre recorreu aos meios da natureza para o sustento. Como um movimento de corpos-naturezas se realizava como modo de ser e estar, mesmo que de forma natural, iam acontecendo os tecimentos entre a palmeira e nós, entre nós e a palmeira. Com isso, entendemos as reflexões de mundo, que é nossa cosmopercepção.

A buritirana sustentava a minha família, pois a partir dela, minha mãe fazia vassouras e rolhas para tampar garrafas e outros utensílios, tais como quibanos, peneiras e tapitis que seriam para nosso uso e para o uso de outras pessoas que os compravam. Esse era um modo de ajudar na renda para o sustento da casa.

Nestas escrevivências, com minhas mais velhas, vivifico os saberes e as tecnologias cerradeiras para deixar insurgir um modo de autodeterminação das mulheres cerradeiras. A importância da trajetória dessas mulheres até aqui para a retomada dos saberes ancestrais, em escrevivências, vem para “ajuste de contas” com a colonialidade escravagista e com o coronelismo que insiste em continuar sua dominação, através do agronegócio. As mulheres continuam sustentando os bens da natureza como um amuleto contracolonial que nos alimenta. Como minha mãe quibaneira que mesmo com a dureza do São José do Duro, desafiado pelas mulheres quibaneiras de Dianópolis, se sustenta com a força da buritirana.

Nesse sentido, meus trançados cerradeiros se entrelaçam aos trançados cerradeiros de Marta Cezário, pois tanto o trançado do quibano quanto o trançado do tapiti, partem de cosmopercepções e de narrativas corpo-oralizadas e escutas ladino-enunciativos em *pretuguês* (GONZALEZ, 1988), que são perceptíveis nossas memórias e narrativas compartilhadas. Isso nos conduzirá ao entendimento de que somos fazedoras de *lócus* de corpos-enunciações, produtoras de conhecimentos próprios. Percebo que não consigo manter distanciamento deste texto nem de Marta Cezária, a principal condutora dessa escrevivência. A escrevivência é sempre implicada com a vida, com a minha vida e com a vida das minhas ancestrais em vida. São corpos que trazem escrevivências, que me fazem percorrer o Ser-Tão de minhas memórias.

Não consigo deixar de enxergar minha mãe e tantas outras que vêm coletivamente entrelaçando e trançando com Marta Cezária. Por isso, estarei falando do espelho que reflete a nós e que me mantém nessa coletividade escreviente, que não só me faz chegar até aqui, mas também sustenta o meu desejo de ser co-narradora da grandeza e importância das vivências documentadas nesta dissertação.

Ando, nessa escrita e na vida, com Marta Cezária, uma das maiores lideranças do movimento de mulheres negras de Goiás da atualidade, professora, pescadora, mestranda em educação, ciência e matemática, fundadora dos Grupos de Mulheres Negras Malungas e Dandaras no Cerrado, freira enclaustrada da Congregação das Irmãs de Jesus crucificado, foi Secretária Municipal da Mulher e também candidata a deputada estadual.

Conheci Marta Cezaria de Oliveira pessoalmente em abril de 2014, por ocasião do evento realizado pelo Programa de Estudos e Extensão Afro-brasileiro da PUC Goiás, no qual foi apresentado e debatido o filme *Se eu fosse uma flor...* do qual ela é a diretora. Depois do evento, almoçamos juntas e conversamos longamente. Eu mais ouvia do que falava, porque cada palavra dita por Marta Cezária é uma gira transformadora da vida. Dentre as muitas coisas ditas, uma, em particular, me chamou muito a atenção: *nós mulheres negras, nossa paciência tem que ser histórica*. Essa foi uma explicação de como tem que ser o trabalho com as mulheres que sofrem violência doméstica, por exemplo, que os desafios são muitos, mas que sempre temos que estar à disposição para o acolhimento das outras no momento requerido sem julgamentos, ampliar a nossa escuta. Pois nem sempre as mulheres que vivem em contexto de violência conseguem sair desse ciclo por diversas razões. Mesmo assim, insistia Marta, essas mulheres não podem ser abandonadas por nós e pelo movimento. Temos que explicar, acolher quantas vezes for preciso.

Desde 2020, começamos juntas nossa escrevivência. Nessas escrevivências, temos experimentado que a construção da luta é feita na insistência em permanecer de pé e em assegurar futuros possíveis, nos quais a negritude possa estar viva e escrever sobre si a partir de sua própria dignidade. Nesse caminho, Marta Cezária é nossa referência, é a cabeça que nos orienta e alimenta em nossa caminhada, é nossa *Ori*, a mais velha que abriu caminhos-futuros que viabilizam o hoje como experiência já historicizada pelas que vieram antes.

Então, veio a pandemia, doença da Covid-19 sobre a qual o mundo foi alertado pela Organização Mundial de Saúde-OMS, em março de 2020. Doença viral, de contágio rápido, perigosa, nossas vidas foram afetadas e todas as rotinas mudadas. Marta ficou reclusa, e eu também, um momento marcado por muitas perdas. Cada dia que passamos a morte estava mais perto de nós, anúncios diários em que amigos e familiares estavam indo. Tudo isso agravado

pela política de Estado que determinou quem tem privilégio de viver e as condições do morrer. “Nessa biopolítica, gênero e raça articulam-se produzindo efeitos específicos, ou definindo perfis específicos para o ‘deixar viver e deixar morrer’” (CARNEIRO, 2005, p. 72).

A vacina foi negligenciada e chegou com atraso, talvez fosse possível evitar muitas perdas nossas, como dizia Emicida, “existe pele alva e pele alvo”. A morte, como forma política de extermínio da população negra é uma arma que faz parte do projeto Brasil e atua de forma explícita e jamais velada, como a própria pandemia escancarou.

Ficamos presas dentro de casa, mas a maioria da classe trabalhadora estava nas ruas. A maioria das lideranças de mulheres negras continuou atuando pelo menos para garantir alimentos nas periferias. Muitas lideranças foram perdidas, tanto em decorrência de complicações da Covid-19 quanto por outras causas. Foram mulheres negras como Ana Maria Carvalho, Adelma Martins, Henuza Mendonça e Maria Dalva Mendonça, a Dona Dalva, que compunham o movimento de mulheres negras de Goiás e cuja perda afetou toda a coletividade.

No grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado e no Coletivo de Mulheres da Companhia de Urbanização de Goiânia/COMURG, grupo de mulheres com sólidas relações dentro da ONG Dandara no Cerrado, toda semana recebíamos notícias de perdas, sendo esses os dois lugares onde eu e Marta atuamos conjuntamente. Marta perdeu o seu cunhado Luiz Carlos Pereira da Oliveira, companheiro de pescaria e de toda uma vida. Em alguns momentos ela relatou essa tristeza da perda, do luto, da saudade, do quanto perdemos. Ao lado do extremo cuidado com que vivenciei esse período conturbado e perigoso, expressar preocupação também em se resguardar, se manter viva. Foi nesse turbilhão de sentimentos em que estávamos e no qual ainda estamos inseridas, ainda assustadas, traumatizadas e feridas, mas tentando recuperar as forças para a vida.

Em meio a isso, nesse momento, Marta Cezária de Oliveira também está escrevendo sua dissertação de mestrado, na qual discute o conceito *Afroternidades* (OLIVEIRA, 2020), como forma de autocuidado para mulheres negras. Junto a essa noção, a liderança ainda articula suas escritas ao processo de cura através das plantas do Cerrado, trabalho de pesquisa no qual conta com a co-orientação da mestra Luceli Morais Pio - quilombola da Comunidade do Cedro em Mineiros-Goiás, fundadora da clínica especializada em plantas medicinais do Cerrado.

Nesse contexto de perdas e luto, reclusão e todos os outros desafios e limitações, houve um ritmo mais lento na produção escriturária. Tem demorado a escrita de nossas narrativas, mas não desistimos, pois essa história se impõe como discurso que precisa ser inscrito, a narrativa desdobrada, o viver escrevendo, para ser compartilhada e sentida.

Decidimos com esta dissertação não só registrar os anseios e vontades de Marta Cezária, mas deixar marcados os caminhos percorridos por nós, enquanto movimento no estado de Goiás. Isso inclui trazer as epistemologias afrocentradas de mulheres negras cerradeiras, no coração do Brasil, para a academia, nosso lugar de direito. Com a biblioteca viva, a *bioteca*, que é Marta, e a grandeza dos seus feitos coletivos, que impactam uma imensidão de pessoas negras, e torna possível perceber que quando as mulheres negras se movimentam toda a estrutura social se move. Marta relata que muitos projetos desenvolvidos para as mulheres negras sempre foram expandidos, atendendo o dobro ou triplo de pessoas, pois além das mulheres, tinham as crianças, homens, o que atingia mais gente sempre. Os recursos eram e são redistribuídos. São ações que se multiplicam, capacidades e capacitações que transcendem gerações.

É inegável que o protagonismo político de mulheres negras vem sendo potencializado muito antes da travessia do Atlântico. Aqui, na diáspora brasileira, esse movimento foi criando suas próprias formas de resistência, nos diferentes momentos e movimentos, como nos quilombos, com a guerreira e liderança Dandara de Palmares, em 1630, e Tereza de Benguela, do Quariterê; nas confrarias religiosas ou nos levantes organizados contra a escravidão, como o Levante dos Malês, por exemplo, comandado por Luiza Mahim, entre outras lideranças.

Todas as dinâmicas e estratégias são modos de vivências e emancipações. O movimento de mulheres negras, ao longo de sua existência, tem criado trilhos dinâmicos para a condução de narrativas que insurgiram e insurgem, por meio de demandas plurais e interseccionais (AKOTIRENE, 2020) que atravessam discussões sobre raça, gênero, sexualidade, território, escolaridade e espiritualidade.

Sendo assim, entendemos aqui as epistemologias cerradeiras de mulheres negras goianas como práticas de conhecimento e modos de significação do mundo forjadas mediante o ativismo de Marta Cezária e que provocaram giras em nosso território, fora do eixo, torto e marcado por Ser-Tões de tecnologias do fazer movimento. Diferente da ideia apregoada pela literatura brasileira e pela mídia burguesa - gerenciadas por pessoas que reforçam uma narrativa de nação que não condiz com a realidade vivida - “sertão” não é um lugar de secura, improdutibilidade, vazio e escasso de vida.

Compreendo, a partir de minha trajetória, que o “sertão” é lugar de força criativa das mulheres, lugar de reencontro com a vida através da urgência em adentrar a profundidade da terra, a profundidades do nós em busca de um bem viver que nos reconheça enquanto gente. Diante disso, especialmente pensando em Cerrado e em Marta, que o *Ser-Tão* se torna mais significativo para compreender não só o território geográfico, mas os territórios de

ancestralidades do potencial de Ser, de fazer Ter e fazer Ser com a intensidade que ocupa o meu corpo e o transforma também em Ser-Tões.

As organizações negras comandadas por mulheres entenderam nossas pluralidades e têm gerado teorias que nos contemplam, abrindo caminhos ancestrais com tecnologias orais, que nos mantiveram até aqui, com capacidade de mobilização, com estratégias emancipatórias e educadoras a fim de restaurar o que sempre fomos, seres grandiosos. Assim, quando falo sobre ancestralidade me refiro, principalmente, a capacidade de fertilidade do Ser e da produção de outras imagens do Ser Mulher que nós, mulheres negras do interior do país, temos construído ao longo de tantos anos a fim de nos manter de pé, mas também manter a disporá africana em continuidade em um local roubado e saqueado pela colonialidade.

Nós, mulheres negras goianas, temos caminhado, movimentando e articulando, viemos pelas picadas abertas de Joanna, Preta Mina - escravizada no Engenho Passa Três, nas imediações de Curalinho, ícone da luta pela libertação no século XVIII - e Chica Machado - que viveu na primeira metade do século XVIII, escravizada, que se tornou abolicionista cuja memória continua viva e compartilhada pela oralidade na região de Niquelândia-GO, antiga São José do Tocantins, no Julgado de Traíras, mesmo depois de três séculos.

Nesse caminho, também temos Leodegária Brazília de Jesus, mulher negra, professora, poetisa e jornalista. O pioneirismo segue com Maria de Lourdes Teodoro, professora, psicanalista e artista, nascida em Flores de Goiás, antiga Vila do Couro em Goiás, ainda adolescente organizou a primeira publicação de poesia, e é também considerada uma mulher do mundo, percorreu alguns países africanos, europeus e norte-americanos. Com isso, viemos chegando aos vários movimentos negros nesse estado, além de Marta Cezária de Oliveira, com o Coletivo de Mulheres Dandaras no Cerrado, temos Anadir Cezária, com o Coletivo de Mulheres da COMURG, Ieda leal, coordenadora nacional do Movimento Negro Unificado-MNU, Domingas Quilombola, liderança em Uruaçu e região, Dona Lúcia, no quilombo urbano Jardim Cascata, em Aparecida de Goiânia, Maria Zita Ferreira, com a dança e capoeira, entre outras, muitas outras.

Na década de 1980, Marta Cezária, juntamente com outras companheiras, começaram a se organizar dentro da Congregação das Irmãs Negras Crucificadas (SANTOS; CARVALHO, 2017), e em 1982 começaram a construção do que hoje chamamos de “Movimentos de Mulheres Negras”, interseccionando gênero e raça. Desde então, os eventos, encontros e as reinvenções foram mais frequentes, culminando em várias redes de organizações, fazeres e dizeres por Mulheres Pretas em Goiás.

A maioria dos movimentos negros em Goiás foram e são construídos e encabeçados por mulheres, como ocorreu, por exemplo, nas comunidades quilombolas, que foram fortalecidas por várias ações lideradas por Marta Cezária, como a Caravana Minas do Rosário, quando foram levantados vários debates, ações contra a violência às mulheres e o incentivo para que mulheres quilombolas entrassem para a universidade e ocupassem tal espaço com seus saberes.

Em seguida, foi criado o quilombo missionário. Nos anos 1990, Marta Cezária começa a articular lideranças femininas como Dona Maria José da Congada, da Vila João Vaz; Erondina Ferreira da Silva, da Pastoral do Negro; a jovem Marlene Monteiro de Lima, Maria Dalva Mendonça (Dona Dalva), Henusa Mendonça e Heni Mendonça - fundadoras da Escola de Samba Flora do Vale, a primeira escola liderada por mulheres e Banda Visual Ilê.

Em 1991, aconteceu o primeiro evento de formação de mulheres negras em Goiânia, o segundo foi em 1998, com o tema *Negra que te quero negra*, contando com a participação de Nilma Lino Gomes. Nessa mesma época, Sônia Cleide tornou-se presidenta da ONG Malunga, a primeira organização registrada e fundada por Marta Cezária. E não parou por aí, em 2002, pela diversidade das pautas das Mulheres Negras, foi criado o Grupo de Mulheres Negras Dandaras no Cerrado, voltada para negritudes, violências e economia solidária, criada e dirigida também por Marta Cezária e Anadir Cezário.

Outro acontecimento importante foi a Marcha de Mulheres Negras de 2015, em Brasília, em que a organização de Goiás criou um comitê rumo à capital federal. Em 2018, trinta anos depois do primeiro, Goiânia sediou o segundo Encontro Nacional de Mulheres Negras, reunindo em torno de mil mulheres negras de todo o Brasil e de outros países.

Em agosto de 2019, na Marcha das Margaridas, evento bianual, que acontece desde o ano 2000, em homenagem à sindicalista Margarida Alves, aconteceram as marchas das mulheres indígenas, das mulheres do campo, das mulheres negras e das mulheres quilombolas. Os movimentos das Mulheres Negras do Cerrado Goiano participaram em peso e com a potência das mulheres que gritavam para defender seus corpos e suas vidas em perigo constante. Ter todas essas ações ocorrendo em território cerradoeiro é muito significativo, pois nos diz que é preciso interiorizar para denunciar o centro do poder e da casa grande. A própria construção de Brasília é um ato de violência contra a terra e contra nós mesmas.

Nesse Cerrado *Ser-Tão*, região Centro-Oeste do Brasil, ainda vivenciamos os efeitos da herança colonial e sob o comando do coronelismo. Isso, entretanto, não impede que as mulheres negras, fortalecidas por suas raízes históricas e por seus saberes, fundados nesse chão, tenham práticas contracoloniais e políticas atuantes em defesa de quem acredita na emancipação.

Por tudo isso, Marta Cezária sempre teve o desejo de deixar escritas as trajetórias dos movimentos de mulheres negras, suas narrativas textualizadas com dias de vida e de luta, para eternizar o legado de outras mulheres negras. Então, nos amparamos em três principais ONGs de Mulheres Negras em Goiás: Grupo de Mulheres Negras Dandaras no Cerrado, Grupo de Mulheres Malunga e Centro de Referência Lélia Gonzalez, que conjugam várias outras organizações, lideranças, intelectuais, escritoras, que estão e estiveram fazendo histórias do nosso povo e, principalmente, de nós mulheres negras desse sertão.

Diante disso, narrar a trajetória de Marta Cezaria de Oliveira, se deve a ela ser uma das precursoras de toda essa movimentação, que formaliza organizações e abre ONGs dedicadas às mulheres que vivem em Goiás. Por isso, temos como objetivo geral percorrer as trajetórias do movimento de mulheres negras pelas insurgências e resistências, tendo como protagonista Marta Cezária, referência teórico-metodológica do movimento de mulheres negras em Goiás, na perspectiva interseccional de gênero, raça, classe e religiosidade. Os objetivos específicos são: escutar os modos de resistência e traduzi-los em *escrevivências*, como escrita de nós; articular a trajetória do movimento das mulheres negras do Cerrado Goiano, como um dos modos de significação da diáspora negra, narrados em pretuguês; escrever, juntamente com Marta Cezária de Oliveira, as narrativas do movimento de mulheres negras desse *Ser-Tão* Cerrado goiano.

A opção pela *escrevivências* se justifica pela possibilidade de acionar as histórias coletivas do movimento de mulheres negras do Cerrado goiano por duas dessas mulheres que estão em diálogo: Marta Cezária de Oliveira e Maria Neves Jardim de Deus, protagonistas desses movimentos. O objetivo não é Maria escrever *sobre* Marta, mas juntas construirmos as *escrevivências*, como propõe Conceição Evaristo (2007; 2020), como uma escrita nossa, que conecta as ancestralidades das mais velhas com as mais novas, e que nos movem a seguir adiante com uma “escrita de nós”, porque são vivências compartilhadas enquanto mulheres negras territorializadas na diáspora e nos *Ser-Tões*, que carregam consigo as afro-epistemologias do Cerrado. E mais, são narrativas que pretendem incomodar a casa grande, pois se posiciona enquanto mulher negra em primeira pessoa, falando sobre si-nós e que ocupa o espaço acadêmico, as ferramentas acadêmicas para desnortear a normativa de Ser imposta pela colonialidade.

Por uma questão de exequibilidade desta *escrevivência*, narramos o percurso de construção desses movimentos, a partir da percepção e da trajetória político-social de Marta Cezária de Oliveira, com suas práticas insurgentes de linguagem, para a gestação desses caminhos de resistência em Goiás. É isso que estamos entendendo por “*escrevivências*”

insurgentes com Marta Cezária de Oliveira”, pois escrevemos, nós duas, a mais nova com sua mais velha, porque pela escrita oralizada de Marta, ela me capacita para as oralidades escritas que me orientam à escrevivência como ato de trançar palavras corporalizadas que criam e gestam futuros no agora.

Não estamos falando apenas do que cada palavra pode significar em termos de dicionário, mas narrar a palavra pela escrita está em sentir que cada escolha de Marta e cada escolha minha não vêm apenas do ato de proferir, mas do ato de ousar proferir tal narrativa, que lançada ao mundo não pertence mais à pessoa que disse e sim à gira material-imaterial da existência. Se a palavra tem poder é pelo corpo que fala que seu poder pode gestar ou matar, pode fazer florescer ou secar a terra e pode também fazer do *Ser-Tão* um território de sabedorias, que envolvem e incorporam os seres que ali habitam, que ali se nutrem e que dali levam o *Ser-Tão* para onde quer que esteja.

O corpo é o próprio *Ser-Tão* que é o lugar de potencialidade de produção de grandezas sertanejas contracoloniais, pautadas na produção de saberes, dizeres de mulheres negras de ser tão grande como a imensidão do Cerrado que é tido como um lugar/sertanejo longe distante, visto pela colonialidade do poder-saber como não importante. Marta fala e nossos “sertões” se tornam *Ser-Tões*. A linguagem, nesse sentido, é atravessada por outra dimensão, a do encantamento, em que nos re-encontramos com o gosto da vida. Ao falar, rompemos com o silêncio imposto, com o desencantamento colonial. Escrever sobre isso é insurgir, é se levantar e tomar essa língua como nossa por direito, é nos insurgir em *pretuguês*, um código-linguagem que nos conecta à ancestralidade e faz com que a encontremos em meio aos escombros da colônia escravagista.

Da perspectiva do corpo político do conhecimento, a importância dessa escrevivência insere-se numa geopolítica mais ampla de construção do conhecimento, sobre o Cerrado. O Brasil é um país indígena para o qual foi transplantada, violentamente, uma grande população africana. Atualmente, de acordo com o IBGE, mais de 54% da população brasileira é negra (preta e parda). Desse total, 28% são mulheres negras, descendentes da diáspora forçada de africanos, sequestrados de suas terras, na condição de escravizados. Depois de mais de um século da abolição formal da escravatura, essa condição de desumanização do povo negro ainda revela suas feridas e provoca dores, que nunca foram devidamente tratadas, e ainda insiste em apagar a existência e o ser do povo negro.

Para reparar, ainda que minimamente as injustiças com o povo negro brasileiro, para trançar esta dissertação, seguimos os rastros e os respiros de Marta Cezária de Oliveira, na tentativa de atender seu desejo de escrever sobre o caminho das mulheres negras, localizadas

fora do eixo de visibilidade nacional, centrada no Rio de Janeiro e São Paulo. Quando Marta manifesta oralmente esse sentimento, a nossa matriarca está não apenas falando de nós para nós, mas manifestando a necessidade de falarmos por nós onde quer que estejamos, como foi feito na obra *Mulheres Negras em primeira pessoa* (WERNECK; IRACI; CRUZ, 2012), que reuniu textos de 20 mulheres de dez estados brasileiros incluindo Goiás, em que cada fala se multiplica coletivamente em inúmeras outras de nós, revelando a *matripotência* negra brasileira.

Para nós, Marta Cezária deve ser sentida como uma *matripotência*, uma vez que

A Matripotência descreve os poderes, espiritual e material, derivados do papel procriador de *Ìyá*. A eficácia de *Ìyá* é mais pronunciada quando são consideradas em relação a sua prole nascida. O ethos matripotente expressa o sistema de senioridade em que *Ìyá* é a sênior venerada em relação a suas crias. Como todos os humanos têm uma *Ìyá*, todos nascemos de uma *Ìyá*, ninguém é maior, mais antigo ou mais velho que *Ìyá*. (OYÈWUMÍ, 2016, p. 3)

Marta Cezária é *mãedade* de força, com dimensões cósmicas de gestar inúmeras possibilidades, buscando incansavelmente abrigá-los nos seios seguros da sua sabedoria ancestral, de procriações reinventadas, da nossa força motriz de parir saberes, que se multiplicam nessa movimentação de outridade e de outrora no agora. Com uma força suprema tão intimista que se transmuta na sabedoria da mitologia africana é, ao mesmo tempo, coletiva. Carrega a multidão com um propósito maior de guardar a história no Ori e no corpo da memória certa, que expressa um imaginário-real-mitológico histórico das anciãs. O coração pulsa mais forte ao sentir, pensar, viver e conectar nos tempos de *Iyá-Marta*.

Na gestação de saberes diversos que emancipam e educam, são gingas que movimentam esse eixo condutor das narrativas, que ora se recria, ora transcende o universo maior que a força feminina de Cezária representa em Goiás. Para nós, mulheres negras cerradeiras, essa mulher negra de 65 anos faz jus à grandeza de sua biografia e à possibilidade de construir “*escrevivências*” nesse chão.

É muito importante apresentar o movimento de mulheres negras no Cerrado Goiano, porque entendemos que as narrativas nossas produzem conhecimentos e frutificam, para projetar um futuro que tem um fio condutor na tecnologia da oralidade. Por isso, estas *escrevivências* demonstram que chegamos até aqui com a palavra guardada no mais profundo do nosso sagrado-corpo. A oralidade manifestada é um instrumento do corpo que potencializa nossa existência. O corpo também escreve, a oralidade também é escrita, vejo a escrita *escrevivente* no corpo de mulheres negras, vejo a escrita *escrevida* em cada detalhe do corpo-voz-espírito de Marta Cezária.

É importante saber que Marta Cezária é instrumentadora dessa tecnologia da palavra, dos guardados, feitos que representam um coletivo, pois não é possível fazer um movimento sozinha. Nesse sentido, a voz de Marta Cezária espelha e espalha o comunitário, a coletividade, o que é perceptível sempre quando trilhamos e revisitamos suas narrativas. Por isso, vamos escrever uma *narrativa sobre nós*, mulheres negras cerradeiras, pela fala de Marta Cezária, trazendo as narrativas ancestrais (RIBEIRO, 2019), que produzem vidas vividas, sentidas, expressas, que fortalecem existências e matrigestam linguagens-posturas insurgentes.

É possível perceber um pouquinho dessa produção e sentimento no documentário-manifesto “...se eu fosse uma flor...” filme com qual Marta Cezária insurge como diretora. Nele, podemos apreciar as vozes-desejos-sonhos, memórias-ancestralidades-identidades, epistemologias de mulheres negras cerradeiras e intelectualidades de 152 mulheres negras, que contam suas trajetórias, *falando de nós*, em primeira pessoa. São dizeres-fazeres-sentimentos-espiritualidades que potencializam outros corpos e gestam outras linguagens de existência.

Nesse sentido, com os pressupostos da *sociolinguística ladina alterativista* (ALMEIDA, 2021), de como usamos as tecnologias ladinas de linguagem para estabelecer o autoconhecimento como conhecimento do outro, e com as narrativas do percurso da diáspora negra goiana, podemos contribuir com a compreensão, também, do que é ser mulher negra no Cerrado goiano, na América Ladina cerradeira, e compreender as bagagens e heranças que acompanham o movimento desses corpos viventes, na encruzilhada do coração brasileiro.

A percepção de linguagem adotada nesta escrita está articulada com as pistas e tramas do *pretuguês* (GONZALEZ, 1988), não apenas como marcador rebelde à gramática normativa, mas a como nutrimos, amansamos e devolvemos ao mundo outra língua, outra percepção de mundo que é corporalizada, para construir as narrativas cerradeiras de nós (DUARTE; NUNES, 2020), nas quais as vozes narrativas vêm uma no *trieiro* da outra, tecendo saberes, dizeres e memórias, que nos educam e libertam.

O movimento negro de mulheres tem construído transformações libertadoras para o povo preto no Brasil (GOMES, 2017), com um movimento de tecelar significados, elementos identitários e empoderamentos. As mulheres pretas de todos os tempos e lugares têm engendrado suas próprias histórias. Em Goiás, não foi diferente, pois, mulheres negras quilombolas, da cidade, do campo, rezadeiras, benzedeiras, intelectuais, têm gingado na produção de narrativas nossas, do nosso terreiro, do nosso jeito de ser, com eventos diversos, vivências com comunidades tradicionais e palestras.

Nosso chão epistêmico é o “Sertão Velho Cerrado,” nosso avô, que queima, ano após ano. O aporte teórico que adotamos, nos permite perceber que das cinzas do Cerrado queimado

insurgem as várias demandas pela criatividade de reviver aquilo que já é vivo em nós. Por isso, estabelecemos o diálogo com a *cosmolinguística* (REZENDE, 2018), pelos aspectos da palavra encantada e intercósmica, que possibilita nomear e significar, para tentarmos combater o processo de destruição e silenciamento do Cerrado, e provocar um reflorestamento de narrativas, movidas pelas gingas das mulheres negras indiciadas na voz de Marta Cezária, que é a nossa voz ancestral, a voz da nossa historicidade, nossa narrativivência.

Assim, esta proposta de escrevivência parte das práticas feministas pretas, originadas muito antes da ciência moderna existir.

Compreender o legado de teóricas e pensadoras negras e seu entendimento e assimilação do conceito é, hoje em dia, essencial para aprofundarmos ainda mais essa noção, a qual foi assimilada por mulheres negras antes mesmo de a teoria ser acessível a elas. Estratégias de enfrentamento ao sistema racista e redes de solidariedade política fazem parte do legado de luta dessas mulheres (BERTH, 2019, p. 59)

Entender essa herança de produtoras de conhecimentos negros é muito importante para captar os conceitos e mergulhar profundamente nas nossas teorias, as quais foram produzidas e desenvolvidas antes mesmo da escrita nos nomear como pensadoras. Estávamos construindo saberes antes mesmos dos títulos, temos um compromisso político de compreendermos nossos legados como teorias, pois ainda hoje, mesmo sendo comprovadas intelectualmente, somos confrontadas sobre o lugar real das nossas existências. As conexões ancestrais entre nós têm nos sustentado em rede de reconhecimento epistêmico, político e sociocultural.

Compreendo que nossos passos vêm de longe e seguem adiante com nossas mais novas, pela leitura e observação do que é o Movimento de Mulheres Pretas, em que a linguagem, a narrativa e o corpo sempre foram instrumentos muito poderosos para resistir em terrenos áridos. É importante ressaltar que sem o corpo e a linguagem não seria possível estarmos aqui, não seria possível existirmos. Segundo Berth (2019, p. 61),

Os estudos a respeito das experiências das mulheres escravas nas Américas têm apontado para o grau de resistência delas no interior das plantações. Não cooperadoras no trabalho diário tinham que ser castigada severamente. Nas áreas rurais “onde a maior parte estava empregada nas plantações” era por meio da linguagem e da música que educavam seus filhos, reinventando sentidos culturais. Nas áreas urbanas, ocuparam importantes espaços, fazendo deles territórios dos mercados de trabalho, dos seus próprios corpos, desejos e identidades de gênero envolventes.

As práticas de mulheres escravizadas têm comprovado que as “memórias de plantações” (KILOMBA, 2019), mesmo com as imposições severas, atuavam por meio da oralidade, da linguagem do corpo e das suas engenhosidades, de que nos fala Conceição Evaristo, para

emancipar seus filhos pelas reinvenções socioculturais. Pela latinidade, como aponta Lélia Gonzalez (1988) e Conceição Evaristo (2020), nas cidades, seus corpos também começaram a marcar seus territórios como empreendedoras de ganhos para comprarem suas liberdades e as de suas filhas e filhos. Para além desses afazeres, essas mulheres se tornaram guardiãs das religiões afro-brasileiras, das danças, dos cantos, das línguas, das mandingas de conhecimentos. Gestoras dos mistérios ancestrais revelados e ensinados a quem lhes era dado discernir como necessário, conveniente e adequado. Foi nesse gingado que chegamos até aqui, com a força das *oralituras* (MARTINS, 1997), que nascem e renascem todos os dias das nossas vidas, como corpos que escrevem e se inscrevem no mundo. Só por isso estamos aqui caminhando de mãos dadas nessa escrevivência, no coração brasileiro.

Seguindo os passos de Marta Cezária, que se dão pela trajetória de falar, gritar e sussurrar no terreiro goiano, as mulheres negras se movimentam com as engenhosidades de linguagens do fazer com a mão, do fazer quibano de Benedita ou pelas tranças do cabelo das trançadeiras, quanto pelo contar de histórias, transgredindo as barreiras da colonialidade, que impõe apenas o silêncio e a dor.

Nesse sentido, com a escrevivência, vamos entendendo a importância das ações configuradas por Marta Cezária e como elas exercem libertação pelo empoderamento coletivo. Sobre isso Joice Berth (2019) defende que o

Empoderamento que já vinha sendo aplicado historicamente por mulheres negras, não podemos somente referenciar os que foram considerados precursores da historiografia tradicional, sob pena de cair no engodo da falaciosa limitação acadêmica que preserva seus cânones e impõe uma epistemologia dominante que ignora as produções de povos considerado implícitos dentro da normatização hegemônica. (BERTH, 2019, p. 62)

O fortalecimento, força e dignidade vêm sendo dedicados vorazmente e reivindicada desde a travessia do Atlântico pelas corporalidades de intelectuais negras femininas. Portanto, não podemos trazer para o nosso diálogo referências que reforcem a colonialidade, a partir da supremacia hegemônica branca que produz um apagamento histórico das nossas intelectualidades. Exercício desse apagamento é o *epistemicídio*, conforme denunciou Sueli Carneiro (2005), começando pela proibição de falar nossas línguas, pois as histórias foram sempre contadas pelo ocidente, na linguagem do ocidente.

### **Girando a caminho das matrinarrativas sertanejas**

Podemos, a partir de nós mesmas, promover as mulheres e o povo negro caminhando pelas narrativas de nossas vidas, pela escuta-percepção-oralidades de Marta Cezária. Nesse

sentido, lançamos mão da perspectiva-noção-conhecimento a partir da afro-diáspora, como localização civilizacional para as agências do povo preto em nossa região. Com isso, pensamos na noção-potência de *América Ladina*, de Lélia Gonzalez (1988), passando pela *interseccionalidade*, de Carla Akotirene (2018), a noção de *palavra*, de Dona Fiota da Tabatinga, narrada por Bessa Freire (2007), as *escrevivências*, de Conceição Evaristo (2007, 2020) e as *Matrinarrativas Cerradeiras*, da Gira Leodegária de Jesus (2022), *Ancestralidade e encantamento* de Adilbênia Freire Machado (2014).

Todas essas potências de conhecimento, principalmente das nossas mulheres negras sertanejas, têm apontado possibilidades de novos “trieiros” não-canônicos para a promoção de matrilinguagem, matrinhagens de conhecimento das feministas negras, dos diferentes lugares de pertencimentos. É nessa potência que assentamos nossas forças, nossos olhos, com a certeza de que a *gira* nos empodera, nas *escrevivências* conforme tematiza Conceição Evaristo.

O empoderamento coletivo tem mostrado outros caminhos de humanidade para as mulheres pretas (BERTH, 2019), pois mesmo antes de esse termo ser sistematizado e divulgado, já estávamos nos empoderando. Para tanto, é necessário romper com a glorificação dos cânones a fim de não correr o risco da história única (ADICHIE, 2019), da perspectiva única, da teoria única, com a imparcialidade da linguagem escrita e narrada. Nos posicionamos politicamente ao afirmar que as mulheres negras são intelectuais, fazem ciência e articulam a *escrevivência* como teoria, a partir de corpos marcados por experiências interseccionais de gênero, raça, classe, sexualidade, religiosidade.

Nas tradições culturais afro-diaspóricas são necessários muitos anos entre a iniciação, a preparação das aprendizagens iniciais que perpassam a socialização da pessoa no grupo social até o reconhecimento de sua maturidade e autoridade. A exemplo da Capoeira Angola, onde são necessários entre 20 a 30 anos de preparo para o reconhecimento de um mestre ou mestra. Durante todo o tempo de aprendizado, na roda, ele/ela se mantém sempre atento à escuta, rituais, musicalidade e aos próprios fundamentos filosóficos da capoeira e à movimentação da *roda*.

No horizonte desse paradigma todo param para ouvir nossas e nossos ancestrais, pois elas/eles nos conduzem às práticas e às linguagens como locais de significação da vida social. Ancestrais vivas, aqui referenciadas no campo da vida social e política da comunidade que, aqui apontamos, são as mulheres negras que nos movem a outras formas de ver, usar e sentir a linguagem como vetor de produção e reprodução em sociedade.

A percepção dessa potência nos prepara para o embate, por intermédio das fendas feitas na narrativa da modernidade/colonialidade, ao nos posicionarmos politicamente pela ação da

linguagem/corpo como uma forma de assumir que *língua é epistemologia* (GONZALEZ, 1988), é conhecimento, e, portanto, não pode ser lida de forma desencorpada, não localizada.

As narrativas coletivas de/com Marta e do movimento de mulheres negras, em Goiás, nesta escrevivência, partem de uma pesquisadora negra com trajetória de vida também fincada no Cerrado goiano e tocantinense, além de ser participante das movimentações e fazer parte das articulações de mulheres negras em Goiás. Assim, consideramos e assumimos que esta pesquisa é marcada pela cosmopercepção de quem pesquisa. Entendendo o sentido e os sentidos de mundo de quem pesquisa, a escolha da abordagem, dos referenciais teóricos e metodológicos a evidenciar a trajetória histórica de quem expõe a discussão. Destaco também a importância e relevância de participar da Gira Leodegária de Jesus, que têm buscado resgatar e reverenciar as epistemologias das mulheres do Cerrado no Brasil Central com o intuito de trazer à tona as ancestralidades, do enxergar-se como gente, e memórias cerradeiras, bem como a produção teórica de pensadoras goianas. Assim é que os afetos, as redes, o quilombo e a coletividade emergem na escrita:

Desta forma, em minha trajetória acadêmica vi a rede de afetos estender-se. Foi a coletividade que nos trouxe até aqui. Nossa história de resistência é a do desenvolvimento dos laços com comunidades africanas que chegaram e não tinham afinidades. As comunidades nativas que aqui residiam, ao longo do tempo, sempre também tiveram que se agrupar com outros povos para garantia da sua sobrevivência. Os quilombos são um exemplo de uma rede maior de organização, solidária e afetiva. (QUINTILIANO, 2019, p. 35)

As redes que nos conectam coletivamente a partir das interseccionalidades negras têm, através do empoderamento afro afetivo nos emancipado dentro das instituições canônicas, pois as práticas de aquilombamentos entre as nossas e nossos se refazem nesse ambiente institucional e nos fortalecem para cumprir percursos acadêmicos completos.

Buscamos os vários elementos das culturas africanas e como eles foram ressignificados no coração do Brasil, no Cerrado goiano. Aspectos como a língua, a espiritualidade, os territórios quilombolas, as suas mais diversas expressões de arte e ancestralidade, trazidas pelo corpo negro e sua sobrevivência, que remetem a saberes milenares, muito anteriores ao período colonial e escravocrata.

Essas são configurações que, a despeito de terem nascido no contexto da ferida colonial, são oriundas da experiência civilizacional africana e usadas em estratégias de linguagem para reexistirem, de forma criativa perante a estrutura dominante. Por isso, conforme afirma Conceição Evaristo “nossa fala estilhaça a máscara do silêncio” (2017), pois é tão potente que

a tentativa de nos calar, de nos silenciar, é rompida pela força coletiva e pelas dinâmicas linguísticas que incomodam a casa grande da língua e cultura únicas.

*A arte da palavra* como potência (A. HAMPATÉ BÂ, 2010), a arte-corpo, a fala como um instrumento do corpo, um alimento que dá sustância se bem empregada. Para a sabedoria fula, ela é divina e praticada como uma dádiva para ser usada da melhor maneira possível, exige uma ética na sua aplicação. Por isso, quando um ancestral fala, é necessário reverência e escuta para captar os sentidos de tudo o que se quer ensinar. Em uma das sociedades africanas, especificamente no Mali, os tradicionalistas são guardiães da sabedoria, e começam a se preparar ainda criança, mas só começam a falar aos 40 anos. Assim nos afirma o historiador, griot e memorialista tradicional Amadou Hampaté Bâ (2010), no texto *A tradição Viva*.

Ao tratar destas trajetórias de mulheres negras, narradas em primeira pessoa, observamos que demonstram a existência de redes que conectam os seres em diáspora, as transatlânticas e as matas amefricanas (GONZALEZ, 1988), as matadiásporas (JUÃO NYN, 2020). Para isso, nos amparamos em reflexões enegrecidas de cunho emancipatório e educador (GOMES, 2017; SUELI, 2003; BETH, 2019), que protagonizaram e protagonizam saberes, dizeres e fazeres apagados da história do Brasil. Em diálogo com a Sociolinguística Ladina Alterativista, conforme proposta por Ludmila Pereira de Almeida, em sua tese de doutorado (2021), entendendo-a como compromisso político e ético, que parte de mulheres negras, fundada na relação intrínseca entre linguagem, sociedade e culturas (CALVET, 2002), estabelecendo um enfrentamento à *ferida colonial* (KILOMBA, 2019): um compromisso político de transformação social, tendo em vista o(a) outro(a), para o(a) outro(a).

Pelo aspecto linguístico, percebemos a linguagem como epistemologia e *afrosubjetividade*, como construção do nosso Ser e Existir (ALMEIDA, 2021). Também, nos fundamentamos na noção de *Pretuguês* (GONZALEZ, 1988), de corpo-território-bioma Cerrado (XAKRIABÁ, 2020) para refletir outras formas de significar-sentir a produção de cosmolinguagem (REZENDE, 2018) e como os corpos-políticos das mulheres pretas cerradeiras têm construído possibilidades de transformação. Linguagem e território são intrínsecos aqui, no sentido de entender que nós somos a própria natureza, o próprio Cerrado e, por isso, somos o que somos.

Nosso assentamento, de narrativas de vida, parte de Marta Cezária de Oliveira e seu percurso, que nos permite forjar, pela tecnologia das narrativas orais (HAMPATE BÂ, 2010) da tradição viva que traz a palavra como magia da verdade, as *escrevivências* (EVARISTO, 2017; 2020), que se alimentam pela circulação no mundo. Chegamos, assim, à *escrita de nós* (DUARTE; NUNES, 2020) como prática de linguagem que liberta as mulheres, abrindo

caminhos para outros corpos-epistemologias que permeiam os sertões, as profundezas da terra cerradeira, em busca de cura e de serem escutadas.

Esta escrevivência se vincula ao projeto Práticas Interculturais de Letramento no Pluralismo Sociolinguístico, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da UFG, apresentado e explicado para Marta Cezária de Oliveira antes do início de nossas interações. Ela foi devidamente orientada em todas as suas dúvidas e, em seguida, de pleno acordo e devidamente esclarecida, assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de livre adesão

### **A gira nacional de mulheres negras**

Mulheres negras que têm sido colunas que sustentaram e sustentam a humanidade. Cada movimento, passos, verso cantado de poesia falada, histórias narradas e contadas, letras pretas escritas, passadas a várias gerações de mulheres negras em diferentes cantos deste país tem as marcas do corpo das mulheres negras. Pariram e educaram inúmeros filhas e filhos, procriadoras, genitoras de inúmeras revoltas, resistências, lutas, expressando pelos gritos, as gingas da malungagem, da capoeiragem de camaradas, que forjam o que chamamos hoje de Movimento.

Nosso compromisso linguístico-sócio-histórico se finca em uma postura política de viver-estar no mundo, de captar, de assuntar, de narrar as histórias a partir do nosso lugar, das mulheres negras como corpo-epistêmico. Segundo Joice Beth (2019), mesmo com todas as violências contra as mulheres negras nos seios das plantações, elas passavam a suas filhas e filhos, através de músicas, cantos e danças, as diversas linguagens engenhosas para resistir e continuar os saberes ancestrais. Antes mesmo dos nomes serem designados como teorias, nós já teorizávamos no âmago dos corpos transplantados em diáspora.

Dentre as vertentes do Movimento Feminista, existe aquele que foca nas especificidades próprias das mulheres negras, denominado de Feminismo Negro. No Brasil, essa vertente teve início propriamente na década de 1970 com o Movimento de Mulheres Negras (MMN), a partir da percepção de que faltava uma abordagem conjunta das pautas de gênero e raça pelos movimentos sociais da época. (COELHO; GOMES, 2005)

Como já foi citado, personagens-epistêmicas como Chica Machado, abolicionista goiana que viveu por volta de 1750, na região de Niquelândia; Tereza de Benguela, do quilombo do Quariterê, em Mato Grosso; Chica da Silva, em Minas Gerais; e Aqualtune e Dandara, no quilombo de Palmares, foram condutoras para abrir caminhos para o hoje. Além disso, em 1859,

temos o primeiro romance abolicionista brasileiro, *Úrsula*, escrito por Maria Firmina dos Reis, primeira mulher e negra no Brasil a publicar obra com essas características. Introduzindo a literatura afrobrasileira, sendo também a primeira mulher preta a ser funcionária pública, professora e fundadora da primeira escola mista.

Existem rastros seguidos, ancestralidades que vieram vindo, plantando sementes na escrita, como Leodegária Brazília de Jesus, nascida em 8 de agosto de 1889, na cidade de Caldas novas-Goiás, que, em 1906, publica seu primeiro livro *Coroa de lírios*, com menos de 17 anos de idade, se tornando a primeira mulher e a primeira mulher negra a publicar um livro de poemas em Goiás. Também foi professora, fundou escolas e como jornalista foi uma das fundadoras do jornal *A Rosa* na cidade de Goiás. Em 1928, lança sua segunda obra *Orquídeas*, que encerra as obras de Leodegária como poetisa.

Em 1908, em São Paulo, foi criado um dos primeiros grupos de mulheres negras chamado Grupo das Margaridas. Essa continuidade, como falei anteriormente nas construções de fortalecimento organizacional, vem desde a travessia do Atlântico e essas mulheres negras, mesmo sendo preteridas, em todos os processos até mesmo dentro do movimento negro, sustentam e seguram esse país, desde então, como ressalta Lélia Gonzalez (1988), quando reflete sobre a força da mãe preta,

É interessante constatar como, através da figura da “mãe-preta”, a verdade surge da equivocação (Lacan, 1979). Exatamente essa figura para a qual se dá uma colher de chá é quem vai dar a rasteira na raça dominante. É através dela que o “obscuro objeto do desejo” (o filme do Buñuel), em português, acaba se transformando na “negra vontade de comer carne” na boca da moçada branca que fala português. O que a gente quer dizer é que ela não é esse exemplo extraordinário de amor e dedicação totais como querem os brancos e nem tampouco essa entreguista, essa traidora da raça como quem alguns negros muito apressados em seu julgamento. Ela, simplesmente, é a mãe. [...]. (GONZALEZ, 1980, p. 235)

Assim como Lélia Gonzalez, Elisa Lucinda, no Encontro de Poesias em Goiânia, em 2019, ressaltou a grandeza das mães pretas. Segundo ela, nunca foi sabido que uma ama de leite tenha matado ou maltratado uma criança branca, tendo em vista, que dentre outras coisas, suas filhas e seus filhos eram tirados dos seus seios logo depois de nascer. E isso se atualiza hoje, como no caso de Miguel Otávio, de 5 anos, filho de Mirtes Renata Souza, que, deixado por sua própria conta, caiu de um prédio no Recife, caiu porque a patroa não pôde olhar a criança por alguns minutos enquanto Mirtes cumpria o dever de passear com os cachorros. Caiu porque a mãe cuidava dos cachorros da patroa e a patroa cuidava de si, fazendo as unhas. Os cachorros não foram descuidados e não se machucaram.

E quando a gente fala em função materna, a gente tá dizendo que a mãe preta, ao exercê-la, passou todos os valores que lhe diziam respeito pra criança brasileira, como diz Caio Prado Júnior. Essa criança, esse infans, é a dita cultura brasileira, cuja língua é o pretuguês. A função materna diz respeito à internalização de valores, ao ensino da língua materna e a uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente (Gonzalez, 1979c). Ela passa pra gente esse mundo de coisas que a gente vai chamar de linguagem. E graças a ela, ao que ela passa, a gente entra na ordem da cultura, exatamente porque é ela quem nomeia o pai. Por aí a gente entende porque, hoje, ninguém quer saber mais de babá preta, só vale portuguesa. Só que é um pouco tarde, né? A rasteira já está dada. (GONZALEZ, 1980, p. 236)

A mãe preta, em América Latina, faz a gira fora dos códigos da lógica colonial racional, um movimento de acúmulo de raiva e redirecionamento político dessa força. Movimento que me permite, no silêncio da madrugada, da sala de casa, poder exercer a liberdade de escrever.

Os movimentos que foram construídos, como a Frente Negra Brasileira (1931-1937), têm, em seus bastidores, mulheres negras como Benedita Correia Leite, Maria de Lourdes Souza, Lavínia Horta, Maria de Lourdes Bodine e Benta de Oliveira. Em 1940, com a criação do TEN - Teatro Experimental do Negro, Léa Garcia e Ruth de Souza foram grandes representantes, que na gira da arte do corpo abriram caminhos.

Nesse sentido, o teatro também protagonizou diversas questões políticas e uma delas foi a organização de mulheres, por exemplo, criando entidades como a Associação das Empregadas Domésticas e o Conselho Nacional de Mulheres Negras, em 1950, com Laudelina de Campos Melo. O TEN também criou o jornal Quilombo, dirigido e escrito pela jornalista e ativista negra, Maria de Lourdes Vale Nascimento, poucos sabem da sua existência naquele momento, mas ela já falava de temas como a estética negra e a cultura, questões políticas de raça, gênero e classe, através da coluna chamada “fala mulher”, que conversava com mulheres sobre as inquietações e lutas.

Ainda assim, nessa época, as mulheres negras não estavam em destaque dentro das organizações, mesmo sendo as maiores movimentadoras de suas comunidades, mesmo produzindo saberes construídos nas lutas emancipatórias, não tinham destaque nem mesmo no movimento negro, como destaca Nilma Lino Gomes (2017):

O Movimento de Mulheres Negras merece destaque quando refletimos sobre os saberes políticos, identitários e estético-corpóreos específicos. Enfatizaremos, aqui, os saberes políticos por considerá-los como aqueles que reeducam as identidades, a relação com a corporeidade e a própria ação política dentro e fora do Movimento Negro. As ativistas negras indagam o machismo dentro do próprio movimento e desafiam os homens ativistas a repensarem, mudarem de posturas e de atitude em suas relações políticas e pessoais com as mulheres. Denunciam a violência dentro do próprio Movimento Negro e demais movimentos sociais, nas relações domésticas, nas

disputas internas; que sejam nos empregos, nos movimentos, sindicatos e nos partidos.  
(GOMES, p. 73)

Os devidos aplausos, reconhecimento e reflexões que vêm da capacidade política, libertadora e educacional da negritude, se forja por meio do corpo em movimento das mulheres negras, atravessando gerações de ancestralidades. Com isso, as Mulheres Negras foram se organizando e criaram o próprio movimento com agendas pertinentes às nossas necessidades. Como ocorre com a estética negra no Brasil que tem sido um ofício reservado às mais velhas, que passam de uma avó, depois vem pra mãe e em seguida para a filha, e nesse processo o momento de pentear era e é também o momento de ensinamento e afeto. As mulheres negras

Elas reeducam homens e mulheres negros, brancos, de outros pertencimentos étnico-raciais e também elas mesmas. As questões de raça e gênero só se tornaram mais destacadas no movimento feminista devido à denúncia das Mulheres Negras de que apesar do caráter progressista dessas lutas, a invisibilidade dada a questão racial, ao racismo e à violência contra a mulher negra atuam como uma regulação conservadora dentro dos próprios espaços de emancipação social. Essa ação tem desencadeado não somente reflexões e ações políticas, mas também a presença da raça como categoria de análise, para se compreender o machismo, sexismo, as desigualdades sociais e as reedições do capitalismo nacional e internacional no campo da produção científica.  
(GOMES, p. 73)

Segundo Andressa Silva Cherem (2016, p. 18), "a preservação da memória comunitária da mulher negra, à medida que essa mulher se empodera e encontra histórias iguais à dela, a solidão perde a conotação de dor e passa a ser sinônimo de liberdade, um ato político e curativo". Portanto, penso que essa memória tem sido fundamental no nosso desenvolvimento, pois como a autora ressalta são "mulheres negras protagonistas, guardiãs e comunicadoras de memórias". O que tem nos sustentado até agora foi nossa memória coletiva através da oralidade, já que a grandezas das mulheres e homens negros nunca foram contadas pela história hegemônica, aliás, o que entendemos por história oficial foi escrita pelos apagadores de narrativas, aniquiladores de dignidade e extinguidores de existências, os genocidas da história.

O processo de apagamento dos nossos corpos é também de alma, um fazer arquitetado pelo sistema capitalista, racista, patriarcal e sexista. Nesse sentido, as mulheres negras, suas movimentações, tiveram e têm muitos empecilhos dado aos diversos contextos como a falta de políticas de reparações por parte do Estado, mas também as dificuldades de compreensão

dentro do movimento negro que fez com que as mulheres negras criassem os feminismos negros,

Dentre as vertentes do Movimento Feminista, existe aquele que foca nas especificidades próprias das mulheres negras, denominado de **Feminismo Negro**. No Brasil, essa vertente teve início propriamente na década de 1970 com o Movimento de Mulheres Negras (MMN), a partir da percepção de que faltava uma abordagem conjunta das pautas de gênero e raça pelos movimentos sociais da época. (COELHO, GOMES, 2005)

Em 1970, novas perspectivas foram experienciadas pelos movimentos de Direitos Humanos no Brasil e, nesse sentido, as mulheres negras também avançaram, nos diversos eventos, movimentos, escritas, enfim, em todos os meios estávamos projetando novos rumos para o movimento de mulheres negras.

Lélia Gonzalez, que protagonizou em *Pretuguês* o legado de *América Ladina*, além de análise importante para o entendimento do papel das mulheres negras na sociedade brasileira, exerceu epistemologias e jeitos de estar e sentir o mundo, a partir das posturas que chamamos hoje de contracoloniais.

Maria de Lourdes Teodoro, de Flores de Goiás, antiga Vila do Couro, começa a revolução ainda adolescente, liderando publicação de jovens escritores. Poetisa, escritora, ensaísta, professora e psicanalista, hoje aos 75 anos, tem uma imensa colaboração nas movimentações no Brasil, Europa, América do Norte e em África. Participou como pesquisadora do IPEAFRO e também da criação do Congresso Nacional Afro-Brasileiro. Foi colaboradora das comunidades kalungas em Goiás, contribuiu na refundação do Instituto de Arte da Universidade de Brasília, extinto na ditadura militar e também foi a primeira professora negra a integrar o corpo docente, por concurso público, daquela universidade.

Ao longo desta escrita vêm caminhando comigo várias mulheres negras, pois entendo que os movimentos ou uma mulher negra em movimento têm movido o Brasil, têm trazido transformações nas estruturas para o povo preto e a sociedade. Ou seja, uma mulher negra representa uma coletividade.

Segundo Sueli Carneiro (2019), na década de 1980, várias ONGs de mulheres negras se formaram pelo Brasil. Na mesma época, como já foi mencionado anteriormente, Marta Cezaria de Oliveira começou dentro da Igreja Católica com o Grupos de Irmãs Negras de Jesus Crucificado, de onde nasceram anos depois os Grupos de Mulheres Negras Malungas e Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado. Essas mulheres em movimento, no ano de 1988, realizaram o primeiro Encontro Nacional de Mulheres Negras no Rio de Janeiro, na cidade de

Valência, onde reuniram um pouco mais de 400 mulheres negras. Sobre o evento Matilde Ribeiro, uma das organizadoras, afirma: “nosso objetivo é que nós, mulheres negras, comecemos a criar nossos próprios referenciais, deixando de olhar o mundo pela ótica do homem, tanto o negro quanto o branco, ou pela da mulher branca” (RIBEIRO, 1995 *apud* DAMASCO, 2009).

Esse evento acendeu o Movimento de Mulheres Negras no Brasil em nível nacional e apontou que outros caminhos são necessários para que as experiências do corpo-epistêmico das Mulheres Negras também sejam pauta. Em 2015, a Marcha de Mulheres “contra o racismo, a violência e pelo bem viver”, protagonizou um dos momentos mais marcantes do MMN, com mais de milhares de mulheres negras em Brasília. Organizações, ONGs, coletivos, mulheres, crianças e jovens tiveram presentes, gerações e gerações de mulheres negras estavam com suas indumentárias, cores, cabelos, enfim muitas escrituras não só no dia da marcha.

Tudo começou a ser pensado três anos antes, quando foi criado um comitê nacional e também em cada estado, como foi aqui em Goiás, onde o comitê foi conduzido pelas três principais ONGS de Goiás: Malunga, Dandara no Cerrado e Centro de Referência Lélia Gonzalez, em articulação com o movimento negro de base acadêmica. Assim, em 2018, foi realizado em Goiânia o Segundo Encontro Nacional de Mulheres Negras – 30 anos, a celebrar três décadas depois do primeiro, com a presença de mil mulheres negras matripotências os significados e os caminhos do movimento de mulheres negras no Brasil. Nesse evento que trouxe mulheres negras brasileiras, lideranças das 27 unidades da federação, referências em seus territórios como Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Janira Sodrê Miranda, Marta Cezária e muitas outras internacionais, como Ângela Davis. O Movimento de Mulheres Negras Brasileiras move o mundo.

## **A QUATRO MÃOS E DOIS CORAÇÕES: ESCRIVENDO COM MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA**

Esta prosa está brotando do Cerrado árido, de onde surgem várias demandas de reflorestamentos de palavras, que em meio a períodos de cinzas, de monosaber em que as escrevivências não contemplam as águas solitárias de narciso, porque enxerga somente o seu próprio rosto e se afoga nele, se autodestrói na solidão egoísta.

Dialogando com Conceição Evaristo (2020), convocamos o reconectar com o “ser-tão” e com a “velha cerradeira”. Para nós, nesta dissertação, a escrevivência não é narcísica, pois ao mirar no espelho nosso reflexo é uma experiência aproximada ao espelho de Oxum. Traz a propriedade do reflexo da outra pessoa e pode ser tanto um reflexo benfazejo quanto de malefício.

Saúdo a minha mais velha, Marta Cezária de Oliveira, que, com muito entusiasmo de falar, está comigo e me guiando nesses trieiros frutíferos, por onde é produzida a vida sentida, falada, dançada e gingada. Na gira cerradeira do berço das águas das nascentes, na terra da buritirana, que nos alimenta com a bebida sebereba. Buritirana que também oferece sua tala nas fibras que fazem o quibano e suas palmas para a fiação da vassoura para varrer o terreiro.

Vamos narrando, eu na vontade da escuta e ela no desejo e na urgência do dizer, para que as narrativas sejam plantadas nas páginas e memórias nossas. Para que nossos corpos sejam inscritos nos escritos das epistemologias cerradeiras. Lembrando que a vontade de registro vem de um caminhar de mais seis décadas de trabalho e dedicação, não só dela, mas das que a antecederam e será legado das que vierem depois.

Já são mais de 30 anos de história do movimento de mulheres negras no coração brasileiro. Marta transcende essa conta, pois, ainda criança começou a entender questões raciais. Com o tempo, suas percepções foram se ampliando para compreensão da intersecção de gênero, raça e classe. Inspirada por dona Maria José, consegue reconfigurar as narrativas de mulheres negras. Estamos percorrendo, ou pelo menos querendo, trazer as narrativas que vão surgindo ao longo do percurso que estamos buscando nessas “narranças” que foram e estão sendo construídas. Eu com os meus anseios em meios peneirados, quibaneiros soprados nos seios da memória do ser-tão. Marta como a própria epistemologia cerradeira de mulheres negras em corpo, nos seus rastros, um livro com inúmeras páginas preenchidas nas tecnologias milenares de oralidades ancestrais. Marta então é referencial teórico metodológico dos modos cerradeiros de as mulheres negras darem sentido ao mundo.

Confesso que a escrita se faz e refaz pelas minhas mãos, os pensamentos dispersam minhas palavras das próprias construções já oralizadas por Marta e também pelas minhas vivências e andanças nessas narrativas. Assim, vou engatinhando as primeiras escreviduras, num exercício de afirmar algo que me foi negado, daí a já afirmada potencialidade da escrevivência já afirmada por Conceição Evaristo. A possibilidade da comunicação, da expressão, da linguagem que me foi rejeitada. Antes disso, o impedimento primeiro foi do palavreado, por muito tempo achei que não podia falar, às vezes, ainda acho.

Iniciei minha educação formal aos seis anos de idade em uma escola rural, mas, na turma, lembro que era a única menina. Os meninos eram os mais elogiados e também os mais assistidos, mas as queixas para minha mãe era que eu não queria aprender. Então, meus pais decidiram que eu iria estudar na cidade de Conceição do Tocantins. Aos 7 anos de idade, cheguei: menina preta retinta de cabelos crespos e sertaneja. Não fui bem recebida, não era aceitável uma criança não padrão, sem cabelos lisos, sem pele clara nem era da cidade, era do sertão. Foi aí que se passaram dois anos sem que pudesse eu saber ler nem escrever. Somente aos oito anos, com uma semana que eu estava em uma nova escola, em Dianópolis, já sabia ler e escrever.

Continuei sempre com o desejo de ler e escrever o mundo, mas mal sabia dessas astúcias de transgressão de falar e escrever e também que era possível escrever sobre os nossos corpos nos espaços. Também não sabia que poderia estar mais perto das minhas professoras negras.

A significação de escrever na academia, com minhas ancestrais, me traz gozo, renovo, nascimento, renascimento e busca da escuta. Sou uma mulher preta em movimento, de um corpo em trânsito, em que o conhecimento é produzido na ação, no coração, que nem tem tempo de sentir, pois sentir, às vezes, não nos é permitido. Como traduzir e interpretar nossos próprios movimentos, sabedorias, com as quais nos presenteia Marta, herdeira de outrora no agora dos movimentos atlânticos, das giras de desobediências epistêmicas.

Como interpretar a gira, a gira que rodopia sobre o corpo em si, a gira que horizontaliza as relações, os passos girados nas rodas mandingas de inteligências, para ludibriar a casa grande de suas intolerâncias e ignorâncias e delírios de poder, que nos forcem a resistir para existir. Estamos girando no xirê das linguagens em escrevivências. É preciso vivenciar a complexidade da roda/gira/xirê.

Nós nos (ori)entamos e re(ori)entamos, por aqui, nos "fios das ancestralidades", de Layla Marisandra<sup>2</sup>, que guia o nosso ori aos fios de cabelos brancos de Nanã, Iemanjá e Marta

---

<sup>2</sup> Idealizadora do projeto *Fios da ancestralidade* @fiosdaancestralidade no Instagram.

Cezária. Nessa discussão em giras e rodas, senti alegria e entusiasmo, pois me levou de volta ao brejo dos buritis, onde nasciam os córregos de onde eu morava, onde a água brotava, escorria, devolvendo a vida, depois secava.

Na época da seca, em Conceição, tudo ficava triste, buritirana também secavam suas folhas, em um período do ano ficavam maduras. Segundo minha mãe, delas eram retiradas as talas para fazer o quibano que ajudava no nosso sustento. Desse modo, mesmo na seca, a buritirana continuava a ser essa árvore-vida.

Quando a chuva chegava tudo renascia, o córrego voltava a viver com suas curvas, suas músicas, seus peixes, suas águas cristalinas. Nos banhávamos, com nossos rostos refletidos na água que corria com nossos sonhos, nos renovávamos todos os anos. Marta Cezária também tem um relacionamento de amor com as águas. Ela me contou, um dia desses, que quando criança mergulhava no rio para pegar peixe, que era armada uma espécie de cercado embaixo da água.

Ainda hoje às margens do Rio Claro, Marta Cezária é uma pescadora constante. Fica o dia todo dentro do rio, pescando e parece não cansar. Conta suas prosas, sentada na canoa, sua alegria se confunde com a dimensão das árvores cerradeiras do Rio Claro, no condomínio de chácaras Paraíso do Rio Claro Município de Jussara Goiás onde Marta passou a maior parte do seu tempo durante a pandemia. Como já mencionado anteriormente, a conexão de Marta com a natureza das inúmeras dimensões de compreensões religiosas do sagrado feminino, como, por exemplo, a inspiração em Maria, figura bíblica. Um longo tempo da sua vida foi dedicada ao cristianismo protestante e católico, mas mesmo nos últimos tempos ainda freira Marta sempre respeitou e reverenciou as religiões afro-brasileiras.

Em uma de nossas conversas, ela me disse que seu orixá é Iemanjá. Acredito que também as águas doces estão correndo para Iemanjá. Mas é correnteza forte que em épocas de cheias leva embora quem tiver desavisado no caminho, na ribanceira, que desnuda os rios, as águas, as vidas, nossas vidas. Entendemos que Iemanjá é das águas salgadas e profundas do mar brabo, onde o sal não se bebe, mas que purifica o corpo e o espírito. As ondas vêm e voltam, levando a areia movediça que se desfaz a cada maré, o mar também é sedutor belo, que faz multidões ir ao seu encontro de infinita beleza azul.

Já fui até o mar e estou voltando para as correntezas rios e córregos que atravessam, diante das lembranças memoradas nossas, busco os fios ancestrais da escrita-vida de tantos cotidianos preenchidos das mais diversas cantigas rimadas, ritmadas, soletradas em uma exímia comunhão verdadeira, simples, mas sofisticada, prática do bem viver das feministas pretas que, coletivamente, exercem a *escrevivência*, que para Conceição Evaristo é assim elaborada:

A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. Sim, porque ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas. No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos. (EVARISTO, 2020, p. 40)

A escrevivência não é egoísta, nem se destaca por um ego solitário ou autoritário da sua beleza, sem observância das outras belezas ou certezas de coletividades. A beleza egoísta, individual, traduz um olhar para o ego do eu branco. O espelho de narcísico reflete nas águas sua própria sombra surda, pois ignora as vozes plurais, a visão de Narciso é limitada. Narciso ama as águas, mas não escuta os sons, as alegrias, não entende a natureza. Seu egoísmo é tão grande que não percebe que refletimos, além do espelho, não entende que a natureza das águas é a grandeza que sustenta o universo, que emana a filosofia africaminina de Oxum e Iemanjá. Onde emana a escrevivência como escrita coletivizada:

Ainda pensando que a Escrevivência extrapola os sentidos da escrita de si, quero citar o livro de Geni Guimarães, *A cor da ternura*. Creio que o conceito de escrita de si, assim como o da auto ficção, não explica a construção da narrativa ali apresentada. Não é um livro em que a autora se debruça somente sobre a sua própria história e faz um texto que esgota em si própria. O texto está impregnado da história de uma coletividade. (EVARISTO, 2020, p. 40)

Conceição Evaristo traz para perto de nós, pela multidão de oralidades encantadas, transformadas, através dos inúmeros rostos refletidos nas águas que curam, a imensidão da escrituravivência feminina negra. Coletiva de produção de conhecimentos, que vai além da lente do abebé, que vai contando nas giras as narrativas que rodam na circularidade de linguagens, linhagens, engenhosas e cuidadosas. O espelho das águas dança na sedução niketche de Rami que, em um monólogo com o espelho, vê sua imagem refletida na vida de outra mulheres, que se fortalecem coletivamente contra o patriarcado moçambicano, em que Paulina Chiziane (2002) faz um compromisso com a oralidade ancestral feminina, fortalecendo e empoderando suas personagens, através das suas escritas.

Essa escrita também está lapidada, de trejeitos, observadores dos feitos, dos ditos, do que se sente junto às giras e rodas, traçadas na leveza da roda, que ginga nas mandingas de mulheres negras, que representam *Ponciá Vicêncio* (EVARISTO, 2003) e as *Insubmissas Lágrima de Mulheres* (EVARISTO, 2011). Histórias e memórias que nos encontram e conversam com a gente. Conversa comigo Marta Cezária nessa relação construída na base de respeito, admiração e afeto. Pela grandeza da liderança que Marta exerce na multiplicidade de educação, emancipação e empoderamento coletivo.

Nesse entendimento percebo que a potência do encontro se dá entre duas mulheres com trajetórias e trânsitos religiosos, que perpassam pertencimento ao cristianismo e herança/legado das religiões afro-brasileiras. Tanto Marta quanto eu temos estabelecido um diálogo em que as mitologias afro-centradas são narrativas onipresentes, atravessando a tessitura das narrativas construídas em comum. A despeito da adesão à religião cristã, Marta Cezária, católica romana, e eu da Congregação Cristã no Brasil, entendo que o corpo é memória que fala, sente, grita um manifesto da ancestralidade. Acredito que o meu corpo sempre sentiu de onde veio meu pertencimento e sempre me alertou.

O espírito que nos conecta exerce uma linguagem para além do que nossos olhos conseguem perceber, mas por meio do corpo, existe uma vibração de segundos, um zigzague. Entre os Dogon, do Mali, conforme explicitado por Eduardo de Oliveira (2005), a mitologia e cosmovisão estabelece que o universo se organiza a partir da vibração, como energia que se move em ondas sonoras, expandindo o universo desde a sua origem, até o corpo dos seres humanos. Essa expansão sonora, vibracional não é linear, portanto, chegando até às entranhas dos nossos corpos, trazendo vida.

No seu livro *Espírito da intimidade*, a autora de nacionalidade burquinense Sobonfu Somé (2018) desenvolve a ideia de que pelas tecnologias ancestrais que conectam o ser humano com a natureza, nas profundidades da unidade do corpo e do espírito tendo como centralidade a indivisibilidade entre os seres vivos e o planeta, bom como as relações e seu propósito.

Trago a sabedoria da mitologia africana – entendendo “mitologia” aqui não a partir da ideia de ficção, invenção e delírio que vem do conceito grego, mas a partir da ideia de que são construções narrativas complexas que convivem conosco e nos sustentam em diáspora, nos (re)ligam ao encanto, à espiritualidade e a tudo o que nos envolve ao atribuir sentidos no dito “real” - das duas orixás femininas, pois esta caminhada aqui de escrivência, só está sendo possível, porque acredito que essas encantadas nos conectam ao chão que pisamos, ao ar que respiramos, ou seja, nossa existência e experiência como grupo partiu do princípio de Iyá. Portanto, creio que as Yabás, citadas antes, jamais tenham me desamparado ou cortado os fios

que nos unem e nos protegem, pois meu corpo vibra com a intimidade maternal profunda que fecunda nossas raízes.

Entendemos que elas sempre guiaram todo o universo e nosso orí, através das mitologias femininas em África e na diáspora, nossas matripotências e matrinarrativas com/de Marta Cezária e todas as outras que nos conduziram até aqui. E continuam a guiar. Digo nós, porque "eu não ando só", ando nos rastros, nas "assunções" da pluralidade de "vozes-mulheres" negras de Conceição Evaristo, que rompe com o silêncio pela pluralidade de vozes e múltiplas narrativas (RIBEIRO, 2017), pela necessidade de falar e pela voz do que historicamente nos foi negado.

Nesse momento, nos teletransportamos e falamos em línguas, com a *chicana* Gloria Anzaldúa (1981), que nos escreve, amorosamente uma *Carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, a qual ela finaliza assim: “Encontrem a musa dentro de vocês. Desenterrem a voz que está soterrada em vocês. Não a falsifiquem, não tentem vendê-la por alguns aplausos ou para terem seus nomes impressos. Com amor, Gloria” (p. 235). Parafraçando a autora, podemos nos dizer, “encontremos Oxum, descubramos a sua voz que está enterrada dentro de nós, não arrependemos nem transfirmos, não nos corrompamos, não nos traímos a nós mesmas, não ignoramos nossa voz”. Pratiquemos a nossa língua, para não esquecermos de onde viemos.

É uma convocação em busca de nossas vísceras, de nossas forças, para romper com o calado que cerca a nós, mulheres negras, pois se nossas vozes forem multiplicadas podemos transgredir, transmutar, transformar, poderemos falar, sentir, sorrir e amar. Mesmo sabendo desse entendimento me peguei inúmeras vezes, antes de começar a escrever, com uma angústia solitária de não saber escrever. Fiquei muito tempo, por horas, em frente ao computador, sem conseguir digitar uma palavra sequer. Ficava me lembrando de Marta Cezária, com sua oralidade e oralidade tão libertária, tão autêntica, enfim, achei que não conseguiria. Em uma dessas, de desamor com a minha escrita, tentei olhar para todas nós, mulheres negras, solitária na escrita, pela voz dela:

Queridas mulheres de cor, companheiras no escrever. Sento-me aqui, nua ao sol, máquina de escrever sobre as pernas, procurando imaginá-las. Mulher negra, junto a uma escrivantina no quinto andar de algum prédio em Nova Iorque. Sentada em uma varanda, no sul do Texas, uma chicana abana os mosquitos e o ar quente, tentando reacender as chama latentes da escrita. Mulher índia, caminhando para a escola ou trabalho, lamentando a falta de tempo para tecer a escrita em sua vida. Asiático-americana, lésbica, mãe solteira, arrastada em todas as direções por crianças, amante ou ex-marido, e a escrita. (ANZALDÚA, 1981, p. 229)

Li a *Carta*, de Gloria Anzaldúa, em uma dessas noites quentes de Aparecida de Goiânia. A leitura me trouxe alegria, comecei, então, a voltar para a escrita. Percebi a escrita de tantos lugares de tantas mulheres, busquei os colos de Conceição Evaristo e de Marta Cezária, que me trouxeram afagos, que eu deveria já ter buscado bem antes, pois o tempo todo Conceição Evaristo nos diz que escrevemos. Que a escrevivência é nossa, como em Ponciá Vicêncio, em que vejo minha mãe Benedita, Marta Cezária, minhas irmãs, tias, enfim, centenas das minhas.

Marta Cezária vem há muito tempo, em um chamamento e convocatória para a escrita, nossa escrita, sempre nos dizendo que precisamos contar, narrar nossas histórias e memórias. Então, olhei e “Vi nas ruas as mulheres artesãs escrevendo suas histórias com as mãos, produzindo suas peças, vi as quilombolas, escrevendo com seus corpos-vidas no trieiro da capoeira, observei as conversas com as plantas no capão fechado, vi tantas escriandanças, escritafanças que percebi que também escrevo caminhos na cabeça, tranço ideias com as mãos.

Escutei e escuto Marta Cezária nas suas escritas faladas, movimentadas, organizadas, encorajadas e livres de amarras, convenções ou cobranças. Parece libertária. Então, eu fui vendo a escrita parteira, na reza benzedeira. Se tantas escrituras escrituradas nos lugares e corpos que aqui pretendemos, Marta Cezária e eu fazermos, pois, assim como Gloria Anzaldúa, queremos entender também por que somos levadas a escrever?

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. (ANZALDUA, 1981 p. 232)

Caminho em busca da escrita, porque tenho direito ao respeito de escrever a minha dor, meu amor, minhas angústias do sentimento do mundo, do nosso mundo. Contar as narrativas que estão escondidas, quero contar de quem me representa. Quero o empoderamento que nos foi negado historicamente. Quero poder sentar, pensar respirar e escrever uma tarde inteira, apreciar a vista sem culpa. Quero romper os muros que impedem minha visão. Quero caminhar coletivamente de mãos dadas com os meus, quero me conectar e reconectar com o pavio do candeeiro que alumiu e testemunhou a minha herança ancestral, quero apreender o mundo, quero descobrir e desvendar o gosto cerradeiro das frutas, o cheiro das flores. Assim como, quando eu era criança que assistia ao ritual da lua conforme nós íamos nascendo lá em casa, no sétimo dia de nascimento, a parteira voltava à casa, pois seríamos apresentados para a lua.

Lembro que minha mãe pegava todas as roupas, o umbigo da criança, que também era guardado, íamos para o terreiro no começo da noite. Essa escrita/narrativa/escreviente serve para marcar, reavivar, descrever, o valor dessas vivências.

Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (ANZALDUA, 1981 p. 232)

Para afirmar a potência da escrita, como afirmação de mim, de nós. A escrevivência, como ideia inicial para Conceição Evaristo, é ação da escrita de mulheres negras, que pretende apagar o passado em que o “corpo-voz de mulheres negras”, nas suas potências, foram escravizadas. Essas mesmas mulheres eram as mães pretas, que sustentavam a sociedade patriarcal (GONZÁLEZ, 1988). As mulheres negras escravizadas tiveram suas vozes silenciadas, mas hoje, nos rastros da oralidade ancestral, nos apropriamos das palavras e das escrituras e escritas de nós mesmas.

A escrevivência não se confunde com a “escrita de si”, que tem sido importante na construção do feminismo. A “escrita de si” se encarrega do âmago de cada eu, pelo qual os feminismos têm avançado na escuta das mulheres.

Margareth Rago (2013), em *A aventura de contar-se*, fundamentada na *escrita de si*, de Michel Foucault, por meio da narrativa de sete mulheres, inseridas em movimentos políticos na década de 1970, discute detalhadamente cada história narrada, localizando o lugar de cada uma delas com seus diversos cotidianos. Nessa perspectiva, a narrativa, colhida através da escuta dos relatos de mulheres, é a metodologia da pesquisa e da construção do conhecimento. As mulheres narradoras são autoras, participam protagonizando suas histórias, ao passo em que a pesquisadora é mediadora das narrativas contadas e escutadas. Caminhamos lado a lado com autorias coletivas de nós, a autora “dá voz”, cedendo espaço de fala e de escuta às mulheres, que não são autoras.

Por sua vez, Grada Kilomba (2019), em *Memórias da plantação*, faz avanços significativos, que, desde então, têm ajudado a pensar nos sujeitos da pesquisa. Ela faz uma escuta profunda e empática de mulheres negras, trazendo juntamente com elas as reflexões do cotidiano, respeitando suas narrativas e humanizando seus corpos-vozes, entendendo como

ações políticas de empoderamentos não só para as mulheres pesquisadas, mas também para o povo negro.

Desde a travessia do Atlântico, as mulheres negras têm buscado trazer nossas dignidades, lutar contra o racismo e, de alguma maneira, preservar nossa ancestralidade e memória, através das nossas narrativas orais. Para Grada Kilomba (2018), as mulheres negras, em sua pesquisa, não são objeto de estudo, são mulheres que compartilham seus conhecimentos, suas vivências e experiências no mundo patriarcal, branco, racista. Elas trocam experiências. Embora a narrativa seja ainda a metodologia da pesquisa, as trajetórias narradas não são os “dados” da pesquisa, são conhecimentos compartilhados. Em *Memórias da Plantação*, Grada Kilomba, a pesquisadora, é a autora; as mulheres, as participantes, não são autoras.

A obra *Mulheres negras na primeira pessoa*, organizada por Werneck; Iraci; Cruz (2012), contém vinte narrativas de mulheres dos diversos estados, das várias regiões do Brasil, incluindo Goiás. Essa obra permite que mulheres negras, nas suas mais diversas línguas, nos seus diversos corpos-linguagens, expressem sem cortes ou edição suas narrativas, elas são autoras das suas próprias histórias e memórias.

Segundo as organizadoras, essa coletânea fala de todas nós: “Elas falam de nós, por nós, e representam um microcosmo das mulheres negras brasileiras – milhares de outras mulheres negras vão se reconhecer nessa trajetória.” (WERNECK; IRACI; CRUZ, 2012, p. 15). A voz de uma mulher negra se transmuta no eco que ressoa uma imensidão de vozes que pela “*Dororidade*” (PIEIDADE, 2017), se reconectando e se fortalecendo em diáspora, reconstruindo as potências que têm nos trazido até aqui.

O diferencial da coletânea *Mulheres negras na primeira pessoa*, que não é produto de pesquisa acadêmica, é que todas as mulheres participantes são autoras, o livro construiu a possibilidade da autoria, não só da cessão das histórias e das vozes, não só dos conhecimentos, não só do protagonismo coletivo. As mulheres são protagonistas ao serem autoras de suas próprias histórias.

Na “*escrevivência*”, de Conceição Evaristo (2017), é possível ver a própria escritora, que acolhe, abraça, fala e escreve, recebendo nossos vividos pelo “quase gozo da escuta”, de gostar de ouvir a ‘voz outra’, de sentir, de fazer as histórias se (con)fundirem com sua própria história, de inventar e de continuar no ‘premeditado ato de traçar uma *escrevivência*’ (DUARTE; NUNES, 2020).

A *escrevivência* é uma forma de fortalecermos nossas disputas narrativas complexas (REZENDE, 2020), que “não são para ninar os da casa grande”. Queremos que a *escrevivência*, nessa escrita, acolha o desejo de Marta Cezária, que quer falar e ser escutada, que quer ser

autora das escrituras das narrativas, às quais se dedicou toda uma vida. Por isso, propomos uma escrita conjunta com Marta Cezária para que ela também seja autora juntamente com a pesquisadora dessas narrativas. 'Não quero falar *sobre* Marta Cezária, quero escrever com ela, escutá-la, respeitá-la na sua linguagem, na sua ancestralidade e memória.' Vamos fazer a quatro mãos e dois corações, sem negar a ela o direito ancestral de sua e da nossa autoria.

Marta Cezária fala, eu escuto, nós falamos, nos escutamos e documentamos. A documentação de nossas conversas está sendo feita em áudio e em vídeo, em cadernos de memórias e em nossas próprias memórias. Marcamos nossos encontros conforme nossas disponibilidades e nos encontramos, como sempre havíamos nos encontrado antes, em nosso tempo, com nossos prazos, com afeto e acolhimento, um cafezinho, uma pescaria-prosa, um momento de fazer os cabelos. Vamos traçando memórias e tecendo ideias, uma quitanda, um passeio pelo quintal. Outros momentos estamos nas demandas da militância, escritas de projetos, lives, reuniões, enfim demandas, afro-cuidados, somos muitas em duas, milhares em uma.

Tudo se desenrolará conforme tem de desenrolar e seguindo todos os cuidados e os protocolos de segurança para a nossa proteção e dos(as) nossos(as).

## NOS TEMPOS DE IYÁ- MARTA

*Sempre experimento o campo da busca, o desejo de apreensão, mas nunca qualquer apreensão me deixou à vontade para viver a experiência do domínio. Por isso, uma escolha diversa. E nessa escolha, quero aproximar a linguagem escrita o mais possível da linguagem oral. Quero a dinâmica das palavras pronunciadas no cotidiano, as que movimentam a vida e não as que dormem no dicionário. (Conceição Evaristo)*

Retomando a tecnologia ancestral das escrevivências de Conceição Evaristo abraça Iyá-Marta como já foi dito anteriormente são capacidade de matrigestar, vidas e corações. É uma fomentadora de inúmeras mulheres negras. Foi então nessa potência começamos a ensaiar essa prosa em 2020, um ano do pandemônio Covid-19 doença respiratória à qual ainda hoje em 2022 estamos alertas, pois foi mais de 680 mil de mortos no Brasil, diante disso ficamos presas por questões de biossegurança. Diante disso várias questões humanitárias foram agravadas por aqui. Tem sido anos em que ficamos parados, sem respirar.

Pensei, então, que poderia talvez mudar o formato dessa escrita, mas quando lembrei do desejo e anseio de Marta de trazer as lembranças e heranças que ela construiu com mulheres negras, ao longo dos anos, decidi continuar, mas o que mais me motivou foi a força de Marta para também escrever. E, mais ainda, da sua queixa-receio de morrer antes de essa história ser contada.

Essas narrativas não vão ser escritas de forma linear, vamos escrevendo, a partir dos escrevidos cotidianos das apreensões do sentir, ouvir, saborear das percepções de perto, vivendo ao longo de 65 anos de Marta e aproximadamente mais de 30 anos de movimento de mulheres negras em Goiás.

Marta abriu caminho para a construção organizada e sólida dos conhecimentos dos educadores de mulheres negras no cerrado. Então, vamos iniciar a conversa com ela para entendermos de onde veio a grande liderança que frutificou centenas de outras mulheres e homens no sertão do coração do Brasil.

Começamos nossa conversa em um dos dias em que estive no Condomínio de Chácaras Paraíso do Rio Claro, no Município de Montes Claros de Goiás, às margens do Rio Claro, onde Marta ficou quase todo o tempo da pandemia. Ela começou dizendo a origem do seu sobrenome que foi herdado somente do seu pai, os outros sobrenomes, segundo ela, foram roubados dela e de suas irmãs, como Teixeira, Silva, Carneiro e Lourenço Gonçalves. O Cezária ela não soube de onde veio ao certo, acredita que tenha sido de seu avô paterno, tenha tirado de algum lugar.

*Não é uma assinatura, provavelmente é de alguém né, porque meu avô devia conhecer algum Cezário né, pra colocar o nome do meu pai, Cesário né então, mas assinatura dele era Oliveira Do lado do meu avô, da Silva do lado da minha avó. Então ele chamado Sebastião Oliveira e a minha avó chamava é Maria Regina da Silva. E a outra Carneiro e Teixeira do lado do pai da minha mãe então. Roubaram todos os nomes, nós não têm Silva, nós não tem Carneiro. E não tem, não tem Lourenço Gonçalves também não tem nada Gonçalves. Então ficou só com Oliveira que o Oliveira era do meu pai então o Teixeira era do lado da minha mãe então nós perdemos esse nome. (MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA, 2021)*

Ela conta que foi registrada aos 07 anos e já sabia escrever seu nome como Marta Teixeira de Oliveira, mas quando o registro chegou veio com outro sobrenome. Marta Cezária de Oliveira, então, foi aprendendo a escutar seu outro nome na escola como também aprender a escrever com a mão direita, com uma palmatória utilizada pela professora.

*Ela era canhota, eu sou esquerda.*

*A professora batia pra escrever com a mão direita.*

*Eu apanhava para aprender a ler.*

*Eu escrevo com a mão esquerda.*

*Minha mãe amarrava minha mão esquerda, para não ser canhota.*

*Acho que eram presságios porque estávamos sempre à esquerda.*

(Maria das Neves, Aparecida de Goiânia, Goiás, 2021)

Lembrei que também sou canhota e que, ao contrário de Marta, não conseguiram tirar isso de mim. Marta, junto com a escola, começou também a trabalhar para ajudar sua mãe, começou trabalhando em casa de famílias e, todos os meses, sua mãe recebia o seu salário para ajudar nas despesas de casa. Entretanto, Marta nunca deixou de estudar, ainda criança já enfrentava o racismo, por vezes, na escola. Ela precisou revidar, pois, até mesmo, os professores não tratavam esses problemas com o entendimento devido. Marta relata que, por várias vezes, teve de ir embora da escola, porque não era permitida sua permanência, porque ela revidava os racismos dos colegas.

Em um determinado dia, ela foi na direção da escola e disse. "Vocês estão me mandando embora porque sou preta, minha mãe trabalha o dia inteiro e não pode ficar vindo na escola todas as vezes que vocês me mandam embora. Vocês precisam parar de me mandar embora, por que vocês não mandam os filhos dos brancos também ir embora quando eles bagunçam?" Marta afirma que aí começou a lutar contra o racismo nessa época.

*Briguei com professor diretor e professor do Colégio, eu não vou mais estudar nessa escola, eu vou sair dessa escola vou sair mas vou sair da escola lá era sair, né? Porque lá só tinha duas opções: ou você estudava lá ou você não estudava? E aí porque eu sentava. Quando menos eu esperava “Marta pega seus livros vai embora”. Eu olhava o Professor, queria matar ele que eu sentava quase a penúltima carteira, porque preto não senta na frente, né? E eu cansada porque eu trabalhava ia para escola cansada. Aí o professor pega seus livros para ir embora. Primeira vez eu fui falei eu tô indo não sei porque ia segunda vez. Fui de novo anotei terceira vez eu invés de falar com Professor fui lá no diretor aí eu saí na sala em vez de eu ir direto para casa.*

*De novo? Anotei terceira vez o professor fui lá no diretora, aí eu saí da sala em vez de eu ir direto para casa. Fui lá falei ó Marina. Quer saber de uma coisa o professor me mandou embora de novo.*

*Eu não vou falar para minha mãe vir buscar minha carteirinha. Tá porque que todas as pessoas não está sendo mandadas embora, eu tenho que tirar minha mãe que é trabalhadora, minha mãe lava roupa, minha mãe é que põe comida em casa. Eu que ajudo ela para comer e acontece aquele menino que tava atazanando lá e fica olhando para trás que fica colando na minha da minha prova que fica copiando no meu caderno e é uma desembarque. Ele é filho de papaizinho assim que a gente que não falava papaizinho, mas era filho de rico, né?*

*Então aquele menino é filho de gente rica. Só porque os pais deles é rico o meu é pobre e ainda mais porque eu sou preta. Por que você não manda aqueles meninos embora? Porque o pai dele não vem buscar tem empregada. Eu fui longe, né? porque empregada buscar a carteirinha, por que não faz nada na vida que realmente a maioria daqueles pais eram fazendeiros era não precisava de ir lá buscar a carteirinha dos meninos, mas eu fiquei brava e falei não chama ela se ela tiver que vir aqui essa última vez vai ser a última vez. Para de me mandar embora porque eu sou preta ou então não vou mais estudar porque minha mãe não vai mais buscar a carteirinha. (MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA, 2021)*

*"As memórias da plantação"*

*Acende, retoma, no quartinho*

*A menina trabalha*

*Mas, ela é quase da família*

*Mas, ela estuda.*

*É pra nós cume*

*A menina sustenta a família*

*A menina é só uma menina*

*Inocente criança*

*A inocência morre.*

*Madura menina ladina*

*Seu corpo-trabalho*

*Seu corpo-retalho*

*Seu corpo-vivência*

*Sonha nos "Becos da Memória"*

*Seu corpo-escrito-vivido*

*O escrito cotidiano*

*Escrever-viver*

*Escrever sentindo*

*Escrever olhando*

*Escrever oratório*

*A distante escrita no papel branco e morte*

*Sem sentir, "papel morto"*

*As marcas escritas no corpo preto*

*escritas sentidos, escritas vidas*

*As árvores - escritoras arvores-vida.*

*Escrever a vida preta?*

*Escrever a menina preta?*

*mulher-memória.*

*Livro vivo.*

*voz que transcende gritos*

*que povoa a terra preta, barro humano*

*iyá -iabá*

Maria das Neves, Aparecida de Goiânia, Goiás, 03.12.21

Em 4 de fevereiro de 1956, na Fazenda Pedra Branca, às margens do Rio Claro de Cachoeira Alta-GO, nasceu Marta Cezária de Oliveira filha dos mineiros Conceição Teixeira

de Oliveira e Sebastião Cesário de Oliveira, depois mudou para município Caçu-GO aos 07 meses de idade, onde viveu até os 24 anos de idade. Ali, Marta deu seus primeiros gritos de resistência.

A partir daquele dia Marta não foi mais importunada na escola por parte de professores e coordenação. Nessa época desse episódio ela tinha de 06 para 07 anos Marta continuou. Trabalhava um período e estudava no outro.

### **Gira do quibano de marta: Dandaras em movimentos**

Em 1982 Marta Cezária de Oliveira inicia na vida religiosa e também no seu movimento girandeiro.

*Quando vim pra vida religiosa foi pra ter um projeto de uma vida diferente na vida religiosa sabe que eu não queria não tem aquela coisa da Maria na Bíblia. Você já leu o livro Carlos mestre Maria de Nazaré Maria de Nazaré, é uma mulher. Escreve História de Maria de Nazaré, foi uma mulher que foi apedrejada foi a mãe de Jesus é a mãe de Jesus que ajudou. (MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA, 2021)*

Projeto esse inspirado na vida de mulheres, primeiro a personagem Maria, segundo inspirada nas Irmãs negras da congregação. Mal sabia Marta que seria a inspiração de tantas outras mulheres ao longo de sua trajetória. Foi nesse momento dentro da igreja começaram as primeiras incidências rumo ao que chamamos de movimento hoje. Dentro da congregação começaram a trabalhar questões de gênero e raça. Marta movimentava dentro da igreja, mas também fora dela. Movimentando junto com suas irmãs.

*Nós trabalhávamos com as mulheres né então, nada melhor que elas mesmos se organizarem por si própria e ter seus grupos, né? Que aí quando eu mudei para Goiânia já reunir com Anadir e lóide outras meninas, né? Desde 91 anos de um projeto chamado 1001 ervas e Sabores palavras sobre a questão da soja da importância de come tuffour tomar leite de soja essas coisas, né? Era mais uma alimentação alternativa tinha orgânica. Esse é um projeto longo, né?*

*Então nesse meio-tempo nós éramos quase 500 pessoas entre negros. Mulheres negras que era maioria né? E aí a gente vai juntando os pessoal de Itumbiara pessoal de cromínia. Eu Vou juntando aqui de perto as comunidades que participava da Igreja de Aparecida fazendo um rol de mulheres e de freiras também que tava na congregação que tinha para ele que tinha um e a gente trazer elas para essas discussões e a gente reúne lá no espaço todo sábado tinha reunião da pastoral. E aí depois discutir as mulheres eu ia discutir nós ir para barzinho sair*

*bastante fazia festa ia fazer reunião aí na aí na casa de um. e aí quando eu escrevi o projeto mulheres negras construindo a consciência cidadã precisava já de pensar num grupo de mulher oficial. E aí depois a gente discutir as com as mulher eu ia discutir nós ir para barzinho. Fazia festa ia fazer reunião aí, né? Você ir na casa de uma na casa de outra. E aí quando eu escrevi o projeto mulheres da consciência cidadã precisava já de pensar num grupo de mulher oficial. (MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA,2021)*

Marta sempre reforça quem veio antes e também quem veio depois.

*É importante porque a Dona Dalva eu considero que que ela foi uma das percussoras de organização de mulheres negras além das quilombolas que já existem é que a gente não fez história das quilombolas mas quando a vó Rita chega em Trindade elas são duas mulheres é a única comunidade quilombola que eu conheço até agora na história em Goiás que foi fundada por mulheres é avó Rita você tá vendo? É uma história bonita, mas ela só foi escrita pouco tempo agora quando as meninas passam de universidade eu a faço escrever história e aí vai lá no passado essas duas a tia Eulália e a vó Rita que a vó a vó da família dela tanto leva o nome né. Por causa disso elas Resgate a história dos quilombos de vó Rita que a vó Rita era a Escrava e era da Bahia veio em dois cavalos andando, não sei se não era casada outra não, era são duas irmãs que vem para Goiás se a barca uma fazenda em Trindade, trabalha como escrava trabalhando lá ela compra. Compra sei que ela compra liberdade ou se ela consegue com dinheiro que ela ganhava comprar um terreno e forma uma comunidade onde elas a viveram e irmãs todos os descendentes e até hoje mora nessa casa em Trindade a família quilombola e a casa da vó Rita, só que hoje tá no centro da cidade, porque aí foi, mas a casa que ela compra é a casa que quando a menina escreve é a casa dela a casa que a vó Rita comprou. (MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA,2021)*

*Dalva que ela é a flora do vale é a primeira mulher carnavalesca de Goiás aí Lúcia que canta antes era filha dela que morreu Enir Mendonça depois a netinha filha dela aí Henuza e elas organiza-se a flora do vale é a única escola de samba em Goiás criada por mulher comandada por carnavalesca é mulher. ela me conhece através de uma mensagem em 98 que eu chamo para o encontro de mulheres negras e no rádio. E aí ela escuta e ela fala mais ela me liga pega o telefone me liga e pergunta se a Banda Visual Iie poderia ir apresentar aí eu falo sim, tudo bem seja convidada e pode vir abrir dessa época tem a Nilma Lino estava nesse evento, né? Nossa falei instante 98, a Nilma Lino, vai nesse evento e lá a Dona Dalva, vai com o grupo dela. E aí ela conta aí todo mundo pergunta Marta porque você faz o 2º encontro de mulheres negras em Goiás, eu falo porque a Dona Dalva me disse que eu não sei se é 91, não*

*sei o ano direito aconteceu um encontro de mulheres negras em Goiás. E aí filha dela foi uma das que tava na organização de primeiro evento. e ainda que eu começo com Negra que te quero negra, história, não é isso história, você constrói a partir do outro.*

*Acho que uma parte interessante movimento de mulheres negras em Goiás que é um diferencial no Brasil muito forte é que no Brasil inteiro as mulheres negras saíram do movimento feminista que o empoderamento do grupo se dá justamente no movimento feminista em Goiás, pos beijing, né? Teve duas mulheres daqui já tá indo e sempre as mulheres negras participando junto com essas mulheres e quando o Transa estava formação, né Transa do corpo é um grupo de mulheres feminista que coordenou por muitos anos em Goiânia de mulheres. Que era a ligação aqui o fórum Goiânia é a ligação com articulação de mulheres brasileiras mulheres não negras mulheres brasileiras. (MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA, 2021)*

As narrativivências continuam, na ética da oralitura e da escutatória, para dar continuidade à escrevivência.

*A Dandara foi uma ONG que sempre trabalhou sem dinheiro. Teve grandes projetos, mas não tem pagamentos para coordenação e muitas vezes nem para parte administrativa com luz, telefone, água, comida na sede, aluguel. Despesas de custeio. Tudo em função do projeto. Não. Dailir sabe, quantas vezes fomos para os quilombos, vicentinos o projeto era para 100 pessoas, nós conseguíamos atingir 200 pessoas ou mais num intervalo de 2 a 3 dias na comunidade quilombola bancando tudo café da manhã, lanche, almoço e jantar. Também a comunidade ficava 3 a 4 dias no local dos eventos. Ali acontecia rodas de conversas, oficinas, cursos, visitas técnicas. E muita escuta.*

*Portanto, essas contas da ONG são partilhas da coordenação do próprio bolso. A formação ela se dá no dia. Caminho do lucro. Uns tem o espaço (como o salão dos vicentinos lucro) e nós tínhamos o trabalho.*

*“O Grupo começou a atuar em Goiânia-GO no ano 1991. Por causa de projetos e participação em eventos nacionais de mulheres negras ou feministas precisou criar um grupo com CNPJ para ter uma representatividade das Mulheres Negras de Goiás. Em 1996, o movimento negro foi convidado para uma reunião nacional da CONEN- Coordenação Nacional de entidades Negras em Salvador-BA. Então o Fórum de Entidades Negras de Goiás – FENEGO, fomos representando as seguintes entidades: União de Negros pela Igualdade-UNEGRO, Agentes de Pastoral Negros- APNs, Grupo de Reflexão de Religiosos negros e Indígena, CCAB, CEAB-UCG, Associação Perola Negras. Dentro deste encontro houve uma Reunião a parte com as mulheres negras presente. A pauta era o Encontro que aconteceria em Costa Rica, mas, Goiás*

*estava fora desta representação por não ter grupo de mulheres negras organizado. Neste momento Marta Cezaria se inscreve e fala da sua organização que está organizada em 8 regiões do Brasil e África (Angola) tendo essa organização coordenadoras negras em todas essas regiões e que já estava no 5 encontro Nacional fora os regionais que acontece. Essa Organização são as Irmãs Negras e Indígenas da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado. Mesmo sendo uma congregação religiosa ela nasce em 1928 como uma entidade de mulheres: Sociedade Feminina de Instrução e Caridade- SFIC e na época tinha mais 300 mulheres negras organizadas dentro e fora da congregação. Com esta fala ficou decidido que Goiás teria uma vaga para participar no encontro em costa Rica. Nós éramos 3 mulheres Goiana participando nesta reunião de Mulheres.*

*Chegando em Goiânia fizemos a reunião de repasse do evento no FENEGO e planejamos que iríamos nos organizar e participar. Mas também fundaríamos um grupo de mulheres em Goiás, sem ser religiosas somente. No dia 13 de julho fizemos acontecer no setor Alphaville aqui em Goiânia, um encontro onde erámos 13 mulheres negras para discutir o 25 de julho Dia da Mulher Negra da América Latina e Caribe. No dia 20 de novembro de 1996, no evento no Bosque dos Buritis havia muitas mulheres e Marta Cezaria convidou as mulheres para uma grande roda cantando “elas estão chegando, pelas portas e janelas, avenidas e vielas. Elas estão chegando...”. Assim iniciou um processo coletivo para criar uma ONG.*

*Em 1997 começamos a debater as questões sobre autoestima e saúde da população negra no bairro Jardim América. Em 1998 fomos para o bairro jardim Liberdade com o mesmo tema, sendo este mais ampliado. Ainda neste ano realizamos o II Encontro Estadual de Mulheres Negras com o tema “Negra que te quero negra”. Éramos 97 mulheres negras. Aqui foram 3 dias de evento com várias palestrantes, oficinas e ficamos hospedadas 3 dias no Clube de Roma ai pros lados do Itatiaia em Goiânia. É bom lembrar que aqui tinha uma diversidade imensa de mulheres negras da periferia, dos quilombos, da UFG, da UCG, do MP, Sindicatos, religiosas, artistas, Banda Visual Ylê, capoeiristas. Os Estados representados eram diversos: DF, MS, TO, SP, MG. No fim do encontro decidimos oficializar uma associação estadual de mulheres negras. As reuniões aconteceram no Quilombo Missionário no setor Residencial Alphaville. Foi um marco no processo histórico da construção da ONG Malunga e Dandara no Cerrado e vários grupos se fortaleceram nas universidades, sindicatos e partidos políticos.*

*Em 2002 registramos a Dandara com uma decisão de ter dois grupos a Malunga fica com a Saúde e auto estima e a Dandara acrescenta em seu estatuto as questões relacionadas a violência contra as mulheres e as questões de geração de trabalho e renda. O grupo surge com*

*um foco nas questões de gênero em 2002 e em 2006. O foco maior é a mulher negra. (MARTA CEZÁRIA DE OLIVEIRA, 2021)*

Desde então as Dandaras coordenadas por Marta e Anadir Cezária elas protagonizaram através dos Projetos Minas do Rosário, Aruandas e Ifarádá o que vou chamar de a apoteose em movimento com as táticas de tecnologias ancestrais adentra as fortalezas mais remotas dos quilombos de Goiás, como por exemplo o maior território quilombola do Brasil, Território Kalunga, Marta juntos com demais Dandaras foi a primeira a está nesses territórios em uma retomada de busca e reconexão afro diaspórica das mulheres negras com encontro rodas de conversas e troca de saberes.

Em 2014 Marta retorna aos quilombos Professor Jamil, Cromínia, João Borges Vieira, Cedro, Engenho II, Barro Alto, Pombal, Cavalcante, Monte Alegre, Piracanjuba, Minaçu, Aparecida e a grande Goiânia. Marta escutou 152 mulheres negras apresentaram seus sonhos, desafios e resistência para um documentário manifesto em que inaugura marta como diretora do filme *...Se eu fosse uma flor...*

## A RODA CONTINUA GIRANDO NO SERTÃO DE MARTA

Essa pesquisa finaliza nesse momento a primeira de muitas etapas. Vejo o texto escrito como um guarda chuva que pode ser aberto em muitas direções para narrar o movimento de mulheres negras em Goiás. O fio condutor de Marta vai nos direcionando para inúmeras possibilidades emancipatórias possíveis de serem feitas para mulheres negras. Olho para trás e vejo que existe um caminho possível, pois desde o Proafro Puc-GO desde então foi uma caminhada longa e proveitosa. Caminhar com Marta nos ensina desde cada gesto até suas palavras proferidas sabiamente, do silêncio necessário quando é preciso. Do acolhimento mútuo sempre as mulheres, crianças e homens negros.

As narrativas do Movimento de mulheres Negras em Goiás nessa pesquisa foram saboreadas por diversas potencialidades dessas de gingas de resistências que aqui resendem e fazem movimentações cada uma do seu lugar, do seu jeito do jeito que podem, com coragem com seus corpos- escrevivências. Vários nomes foram reverenciados descobertos pois as invisibilidades sempre neutralizam as nossas vozes potentes desse cerrado afora.

Nesse processo eu e Marta tivemos a dimensão amargosa, primeiro da pandemia, onde vários militantes amigos e familiares próximos foram perdidos para a Covid 19. Dia após dia eu e Marta presenciávamos morte de mulheres negras e de suas famílias. Mas mais perto de nós também perdemos eu minha irmã, tia e amiga. Marta o seu cunhado. Nesse caminho de perda seguimos na escrita devagar, mas continuamos por era necessário.

Marta como eu também está desenvolvendo o seu mestrado com o tema de auto cuidado e cura para mulheres negras. Com o termo *Afroternidade* (Oliveira, 2022) para entender a coletividade que tem juntado e potencializado a biocultura. tem trabalhado em criar a uma farmácia a parti das plantas que temos nos nossos . fizemos esse mapeamento juntas de forma online pois estávamos em pandemia, a parti desses encontros daí começa o processo de feitura desses remédios e projeto da farmácia comunitária do Grupo Mulheres Negras Dandaras no Cerrado, uma das ONG fundada por Marta, onde ela é socio fundadora.

Trago essa última reinvenção de Marta para reinterar que temos muitas narrativas ainda para ser contada por ela nessa vida desafiadora dela e minha, pois nossas histórias se encontram o tempo todo. Nesse processo era eu e ela em tivemos diante de várias encruzilhadas. A escrita veio com tempo e momento em foram surgindo as observações e demandas. A introdução foi um percorrer que encontrei de começar a trazer também outras mulheres do cerrado como minha mãe Benedita artesã de quibanos junto a árvore buriti.

Nesse trabalho fui ancorada por Conceição Evaristo através das *Escrevivências* que fecunda e ampara eu e Marta Cezária. Seguimos com Evaristo pois todos momentos narrados e vividos, pois nessa trajetória experienciei vivências para além de narrativa escrita. Vi e escrevi narrativas do corpo escritas na memória como os momentos de pescaria com Marta Rio claro. Outros momentos importantes pra mim foi quando trancei o cabelo de dela várias vezes durante a escrita e escuta de Marta. Os cuidados com as plantas o ritual de todos os dias pela manhã e no final do dia, onde ela explicava para que cada uma servia e como tinha que ser cuidada.

A gira cerradeira nunca tenha feito tanto sentido pra mim como foi nessa trajetória. Desde da gira nacional de mulheres até gira de Dandaras no cerrado pois.

A gira roda, a roda gira no “ser-tão”, gira na roda de capoeira, gira no giro da folia, gira na alegria do pandeiro, gira no jingado do berimbau, gira-roda-vida das mulheres, gira no arco quibano de dona Benedita, nesse xirê todo a fala preta labuta poesia. Nossas vozes ecoam das vozes das nossas ancestrais que nasceram e nascem no cerrado que gosto muito de evidenciar como a Senhora Tempo, porque acho que ela marca as histórias, os fatos, os marcos, marcados pelos apagadores de narrativas, trazendo de volta a humanidade das mulheres pretas, nos empoderando, revelando nossos legados, nossos feitos e direitos que não conseguimos nas narrativas oficiais. (DEUS, p. 61, 2022)

O que nos move e movimentam são narrativas sejam elas escrita e muitos mais as orais e caminhadas são ciências fonte de conhecimento e produção do mesmo pelo corpo vozes de mulheres negras. Nessa escrevanças estivemos ancoradas nas linguagens contracolonial (SANTOS, 2020) como uma postura prática de vivências como um entendimento que os saberes das mulheres negras, independentes que conseguem se organizar de uma forma que sejam independentes que transborda as colonialidade que acham que podem não impor suas narrativas eurocentradas. E quando estamos girando nas labutas pretas seguindo os passos contracoloniais ancestrais com suas engenhosidades do corpo veio reinventando e emancipando até aqui.

Estivemos por esse trabalho através da sociolinguística do pretuguês, pois depois de todo o caminho e passo que seguimos nessa caminhada de cerradeira que esses momentos foram os momentos de adentrar novamente nos sabores, cheiros e rastos narrativos de preciosidades das tecnologias ancestrais negras. Em um momento que as disputas de narrativas estão tão acirradas, confluem como diz o Mestre Negro Bispo com as linguagens negras, parece uma apoteose coletiva, onde nós nos encontramos um lugar seguro para prostrar. Tudo que foi construído até agora ancorado a linguagens, culturas e sociedades afrocentradas,

A gira ancestral vai continuar nesse Ser-tão.

Seguimos nas encruzilhadas.

A roda de mulheres negras continua girando.

As escrituras como tecnologias ancestrais sertanejas vem de longos passos profundos.

Iyá- Marta abre caminhos.

Não foi o começo nem vai ser o fim.

As minhas ancestrais que se foram: Luiza Jardim dos Santos, Gisele de Souza Tolentino, Ana Maria Carvalho e Suzana Grazielly.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo. Selo Sueli Carneiro. Editora Jandaíra, 2020.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O Perigo de Uma História Única*. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BERTH, Joice. *O que é empoderamento*. São Paulo. Sueli Carneiro/Pólen, 2019
- BÂ, A. Hampaté. *Tradição Viva. História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*/ editado Joseph ki- Zerbo. 2ª edição. Brasília: Unesco, 2010.
- CANEIRO, Sueli. *Escritos de uma Vida*. São Paulo. Pólen Livros, 2019.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *Mulheres em movimento*. Estud. av. v.17 n.49 São Paulo set./dez. 2003.
- CHEREM, Andressa Silva Lopes. *Identidades negras e museologia comunitária: “Encrespa Geral – Goiânia”*. Movimento comunitário de mulheres negras protagonistas, guardiãs e comunicadoras de memórias. Goiânia, UFG 2016.
- COELHO, Andreza Maria Sá; GOMES, Sansarah da Silva. *O movimento feminista negro e suas particularidades na sociedade brasileira*. VII Jornada Internacional Políticas Públicas. UFMA, 2015
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcio Marcionilio. São Paulo: Parábola, 2002.
- CATTANI, I.M.1 e Baruque-Ramos, J. *Fibra de Buriti (Mauritia Flexuosa Mart. E Aplicações em Produtos Têxteis*. Contexmod- 2º Congresso científico têxtil e de moda, 2014. Escola de Artes, Ciências e Humanidades – Universidade de São Paulo – EACH-USP - São Paulo – Brasil.
- CHIZIANE, Paulina. *NIKETCHE Uma história de poligamia*. 4ª edição. Editorial Caminho, 2002.
- DUARTE Constância Lima, NUNES Isabella Rosado (Org). Intervenção artística: Goya Lopes. *Escrevivências: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1ed. Rio de Janeiro. Minas comunicação e arte, 2020.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3. Edição. Rio de Janeiro. Editora Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. *Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; Schneider, Liane (Orgs) *Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora*. João Pessoa: UFPB, Ideia/Editora Universitária, 2005.

EVARISTO, Conceição. *Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio*. Entrevista concedida a revista Carta Capital 13.05.2017.

FERNANDES, Fernanda. *Maria Firmina dos Reis: vida, obra e curiosidades sobre a escritora*. Revista Multirio, 2020.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Editora Vozes. Petrópolis RJ, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afrolatinoamericano*. *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988b.

JESUS, Leodegária de. *Coroa de Lírios*. Cidade de Goiás. Coleção Gleba/poesia. Trilhas urbanas, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação Episódios de Racismo Cotidiano*. Tradução Jess Oliveira-1. Edição. Editora Cobogó. Rio de Janeiro, 2019.

MACHADO, Bárbara Araújo. *Autonomia e solidariedade no movimento de mulheres negras no Brasil na década de 1980*. Dossiê temático. Acervo, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 117-139, maio/ago. 2020.

MARTINS, Leda. *Orality da memória*. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org). *Brasil afro-brasileiro*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MIRANDA, Janira Sodré. *Permanências d'África no Catolicismo Goiano*. Fragmentos de cultura, Goiânia, v. 21, n. 4/6, p. 319-329, abr./jun. 2011

ROCHA, Solange P. *Hoje na História, 18 de Maio de 1950, acontecia a Criação do Conselho Nacional de Mulheres Negras, no Rio de Janeiro*. Portal Geledés, 2014.

OYÈRÓNKÉ OYĔWÙMÍ. *Matripotência: ìyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [iorubás]*. Tradução para uso didático de OYĔWÙMÍ, Oyèrónké. *Matripotency: Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood?* Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016, capítulo 3, p. 57-92, por wanderson flor do nascimento.

OLIVEIRA, Marta Cezária. Entrevista concedida a Maria das Neves Jardim de Deus. Condomínio Paraíso do Rio Claro, município de Montes Claros. 07 de julho de 2021.

OLIVEIRA, Marta Cezária. Entrevista concedida a Maria das Neves Jardim de Deus. Condomínio Paraíso do Rio Claro, município de Montes Claros. 07 de julho de 2021.

OLIVEIRA, Marta Cezária. Entrevista concedida a Maria das Neves Jardim de Deus. Condomínio Paraíso do Rio Claro, município de Montes Claros. 08 de julho de 2021.

OLIVEIRA, Marta Cezária. Entrevista concedida a Maria das Neves Jardim de Deus. Condomínio Paraíso do Rio Claro, município de Montes Claros 09 de julho de 2021

REZENDE, Tânia; SILVA JR., Wilton Divino. *Práticas Interculturais de Letramento no Pluralismo Sociolinguístico*. UFG. FL. Goiânia 2018.

SANTOS, Antônio Bispo. *Perspectiva Contracolonial*. Confluências Afroindígenas. <https://www.youtube.com/watch?v=bhdV4u8Dt20>. Transmitido 10 de dezembro de 2020.

SANTOS, Maria Elisa de Magalhães. CARVALHO, Euzebio Fernandes de. *Marta Cezaria de Oliveira e a Organização do Movimento de Mulheres Negras em Goiânia*. Entrevista. Revista Tempori ação, 2017.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo. Editora Nós, 2017.

WERNECK, Jurema; IRACI, Nilza; CRUZ, Simone. Organizadoras. *Mulheres negras em primeira pessoa*. Editora Redes. Porto Alegre, 2012.

RIBEIRO, Katiúscia. *(RE)ancesjtralizar as vozes através das filosofias africanas*. TEDxUnisinos. 2019.

XAKRIABÁ, Célia. *Exposição Virtual Mundos Indígenas- Corpo- território*. <https://www.instagram.com/tv/CFbCcFUnYFu/?hl=pt-br>.

IBGE. *Conceição do Tocantins*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/conceicao-do-tocantins/historico>